

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em Geografia



Dissertação de Mestrado

Apropriação Espacial e Formação Universitária: uma análise das práticas espaciais dos estudantes do curso de Geografia da UFPel

Raul Rubira Rodrigues

Pelotas, 2020.

Raul Rubira Rodrigues

Apropriação Espacial e Formação Universitária: uma análise das práticas espaciais dos estudantes do curso de Geografia da UFPel

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Rosângela Lurdes Spironello

Coorientadora: Profa. Dra. Lígia Cardoso Carlos

Pelotas, 2020.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

R696a Rodrigues, Raul Rubira

Apropriação espacial e formação universitária : uma análise das práticas espaciais dos estudantes do Curso de Geografia da UFPel / Raul Rubira Rodrigues ; Rosangela Lurdes Spironello, orientadora ; Lígia Cardoso Carlos, coorientadora. — Pelotas, 2020.

74 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2020.

1. Práticas espaciais. 2. Apropriação espacial. 3. Ambiente educacional. 4. Geografia. I. Spironello, Rosangela Lurdes, orient. II. Carlos, Lígia Cardoso, coorient. III. Título.

CDD : 526

Raul Rubira Rodrigues

Apropriação Espacial e Formação Universitária: uma análise das práticas espaciais dos estudantes do curso de Geografia da UFPel.

Dissertação de Mestrado aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Geografia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 18 de setembro de 2020.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Rosangela Lurdes Spironello (Orientadora)
Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo

Profa. Dra. Lígia Cardoso Carlos (Coorientadora)
Doutora em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Profa. Dra. Liz Cristiane Dias
Doutora em Geografia pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho

Profa. Dra. Natália Lampert Batista
Doutora em Geografia pela Universidade Federal de Santa Maria

Agradecimentos

Gostaria de dedicar essa dissertação às seguintes pessoas:

Minha família, que apoiou incondicionalmente essa vontade, principalmente nos momentos de solidão e incerteza. Sempre presentes, mesmo que distantes, nunca julgaram minhas escolhas, sempre tolerantes ao meu estranho método de vida. Incansáveis em sua luta diária para criar os alicerces de uma família verdadeira e honesta, sem medir esforços e amor. Obrigado, José Iiso Porto Rodrigues, Márcia Elisa da Silva Rubira e Manoella Rubira Rodrigues, amo vocês.

Aos meus amigos, que ajudaram de diferentes formas na jornada acadêmica, o apoio e parceria incondicional de vocês foi fundamental para esse projeto, obrigado: Anderson Ferraz, Fernando Velasquez, Lucas Fagundes, Matheus Moacir, Felipe Bicca, Rossele Farias e Luciano Ritter.

A minha orientadora, Dra. Rosangela Spironello. Sua paciência, motivação e sabedoria foram o combustível deste texto, obrigado por ter esse coração gigante.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Pelotas, meu agradecimento. As aulas e trabalhos realizados foram enriquecedores, com certeza levarei um pouco de cada um para as salas de aula durante a minha vida.

A todos os meus camaradas e colegas de mestrado, obrigado pelos lembretes e avisos, vocês sempre terão um espaço na minha memória afetiva.

Enfim, agradeço a todos aqueles que participaram dessa jornada.

Resumo

RODRIGUES, Raul Rubira. **Apropriação Espacial e Formação Universitária: Uma análise das práticas espaciais dos estudantes do curso de Geografia da UFPel.** 2020. 74f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2020.

O presente trabalho traz à tona uma contribuição em relação as discussões sobre as práticas espaciais relacionadas ao processo de apropriação espacial no ambiente universitário. Como objetivo geral, buscou-se analisar a contribuição das práticas espaciais para a apropriação espacial dos alunos de Geografia da Universidade Federal de Pelotas perante os espaços universitários. Os objetivos específicos da pesquisa focaram-se em: identificar quais as práticas espaciais são recorrentes no dia a dia dos alunos, avaliando quais os elementos ou fatores que contribuem ou não para a apropriação espacial no ambiente universitário; problematizar essas práticas e a apropriação espacial, bem como, sua contribuição na formação dos alunos de Geografia. Para alcançar esses objetivos, usou-se reflexões acerca das práticas espaciais e da apropriação espacial, relacionando estas a Geografia e ao espaço, tendo as contribuições de autores como Lefebvre (2006), Harvey (2012), Souza (2016) e Moreira (2017). Esse aporte bibliográfico foi alicerce que conduziu as reflexões para o estudo de caso. Assim, a coleta de dados se baseou na aplicação de um questionário online, a fim de analisar dados relativos as práticas espaciais dos alunos da Geografia – UFPel. Como resultados, obteve-se que as práticas são uma fonte inesgotável e primordial de relações que geram a apropriação espacial, seja essa apropriação negativa ou positiva (na ótica do apropriador). E fatores físicos do espaço como: características arquitetônicas, mobilidade e estrutura são tão importantes quanto os fatores subjetivos das relações sociais, como: interação entre alunos e professores, grupos de estudos, eventos e organizações de eventos. Deste modo, são através das práticas espaciais que se formam ações sociais que constroem o universo hierárquico e dinâmico dos alunos da Geografia na Universidade Federal de Pelotas. Assim, pensa-se que a pesquisa pode contribuir no segmento desta discussão geográfica recente acerca das práticas espaciais, mostrando que estas são constantes contribuintes no processo de apropriação espacial.

Palavras-chave: Práticas espaciais. Apropriação espacial. Ambiente educacional. Geografia.

Abstract

RODRIGUES, Raul Rubira. Spatial appropriation and University Education: An analysis of the spatial practices of students in the Geography course at UFPel. 2020. 74f. Dissertation (Master Degree in Geography) – Postgraduate Program in Geography, Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2020.

The present work brings up a contribution in relation to the discussions on spatial practices related to the process of spatial appropriation in the university environment. As a general objective, we sought to analyze the contribution of spatial practices to the spatial appropriation of Geography students at the Federal University of Pelotas, before university spaces. The specific objectives of the research focused on: identifying which spatial practices are recurrent in students' daily lives, assessing which elements or factors contribute or not to spatial appropriation in the university environment; problematize these practices and spatial appropriation, as well as their contribution to the education of Geography students. To achieve these goals, reflections on spatial practices and spatial appropriation were used, relating these, Geography and space, with contributions from authors such as, Lefebvre (2006), Harvey (2012), Souza (2016) and Moreira (2017). This bibliographic contribution was the foundation that led to the reflections for the case study. Thus, data collection was based on the application of an online questionnaire, in order to analyze data related to spatial practices of students of Geography - UFPel. As a result, it was obtained that, the practices are an inexhaustible and primordial source of relationships that generate the spatial appropriation, whether this appropriation is negative or positive (in the view of the appropriator). And physical factors of space such as: architectural characteristics, mobility and structure are as important as the subjective factors of social relations, such as: interaction between students and teachers, study groups, events and event organizations. Thus, it is through spatial practices that social actions are formed that build the hierarchical and dynamic universe of Geography students at the Federal University of Pelotas. Thus, it is thought that research can contribute to the segment of this recent geographical discussion about spatial practices, showing that they are constant contributors to the process of spatial appropriation.

Keywords: Spatial practices. Spatial appropriation. Educational environment. Geography.

Lista de Figuras

Figura 1	Esquema de engrenagens	28
Figura 2	Mapa dos principais espaços frequentados pelos alunos de Geografia da UFPel	36
Figura 3	Fotografias dos prédios Salis Goulart (ICH V) e antigo Campus II da UCPel, hoje ICH II	37
Figura 4	Fotografia dos alunos almoçando no RU	38
Figura 5	Imagem do Restaurante Universitário da UFPel (Centro)	39
Figura 6	Fotografia do CEHUS/Biblioteca de Ciências Sociais	40
Figura 7	Fotografia do Instituto de Ciências Humanas (ICH I)	41
Figura 8	Gráfico de resultados da questão 1	48
Figura 9	Gráfico de respostas da questão 4	55

Lista de Abreviaturas e Siglas

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CEHUS	Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem
GEPEG	Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Geografia
GESFOP	Grupo de Pesquisa e Estudos Espaços Sociais e Formação de Professores
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICH	Instituto de Ciências Humanas
ICH I	Instituto de Ciências Humanas Campus 1
ICH II	Instituto de Ciências Humanas Campus 2
ICH V	Instituto de Ciências Humanas Campus 5
LEAA	Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais
LEAGEF	Laboratório de Estudos Aplicados em Geografia Física
LEGA	Laboratório de Educação Geográfica e Ambiental
MEC	Ministério da Educação
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PPG	Programa de Pós-Graduação
PPGeo	Programa de Pós-Graduação em Geografia (UFPel)
RS	Estado do Rio Grande do Sul
RU	Restaurante Universitário
UCPel	Universidade Católica de Pelotas
UFPel	Universidade Federal de Pelotas
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Sumário

1 Introdução	10
2 Por que estudar as práticas espaciais?.....	15
3 Alicerces da discussão, o olhar teórico	18
3.1 Breve discussão sobre a educação no contexto atual no Brasil	18
3.2 A Geografia e o Espaço	22
3.3 As fases/formas e funcionalidades das práticas espaciais na apropriação espacial de um ambiente educacional	29
4 Um ambiente de aprendizagem: Primeiros olhares sobre a Universidade Federal de Pelotas	32
4.1 Primeiras análises sobre os alunos de Geografia e seus espaços de apropriação	34
5 O caminho percorrido, chegando à metodologia	42
6 O que se descobriu? Discutindo os resultados.....	47
7 Para não concluir, o que essa pesquisa pode oferecer?.....	63
Referências	67
Apêndices	71

1 Introdução

Este primeiro capítulo será escrito em primeira pessoa devido ao caráter intimista e narrativo utilizado para introduzir a seguinte pesquisa. Assim, nesta seção, além de mostrar o caminho a percorrer na pesquisa, irei contar um pouco da minha história e os motivos que me fizeram escolher essa temática. Vindouro de Arroio Grande – RS, um município com 18.293 habitantes, conforme dados estimados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2020. Na hierarquia urbana é classificada como uma cidade local.

Arroio Grande é um pacato e calmo município (conotações dadas por mim), localizado na região sul do Rio Grande do Sul, pela BR-116, se localiza cerca de 97 km a sudoeste de Pelotas, e a 47km a nordeste de Jaguarão, tendo orla com a Lagoa Mirim. Apesar de que a adjetivação “calmo” pode se justificar pela baixa criminalidade, um exemplo é a média de homicídios, que é de 3 por ano, bem menor que média nacional que é de 26 (por município), segundo dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade, que pauta as certidões de óbitos do Brasil.

Seu apelido é “Cidade Simpatia”¹, talvez devida à “lenda urbana” de que seus moradores são sempre simpáticos e acolhedores. Posso afirmar, como um emigrante arroio-grandense que viveu 20 anos lá, que esse apelido nem sempre é uma regra. O que se pode perceber é que os moradores da cidade, aparentemente, estão totalmente apropriados de cada rua, de cada esquina, de cada comércio, de cada loja

¹ Arroio Grande é conhecida como "Cidade Simpatia" pela hospitalidade de seu povo, que é formado por várias etnias, com grande apreço pelas tradições, além de sua beleza cultural e arquitetônica, por sua história, rica em belezas naturais e artesanato caseiro (artefatos em lã, pedra, madeira e iguarias relacionadas a culinária caseira). "Terra de Mauá", porque aqui nasceu Irineu Evangelista de Souza, o Barão de Mauá, sendo ele uma das mais importantes personalidades brasileiras do século passado, tendo participando intensamente do desenvolvimento Industrial do Brasil, construindo estaleiros, fundições, estradas de ferro e o Banco do Brasil. Sua ascensão nos meios empresariais foi rápida e seu nome acabou ligando-se fortemente a grandes empreendimentos, sendo sua história destaque em produção do cinema Nacional. O município localiza-se na zona sul do estado, situado na região da Lagoa Mirim, tendo como principal via de acesso a rodovia BR-116, estando a 92 quilômetros de Pelotas e 353 quilômetros de Porto Alegre, e em comparação aos demais municípios vizinhos, pode considerar-se polo de uma microrregião. Arroio Grande é um dos maiores produtores de arroz do estado, possuindo também um grande rebanho de bovinos, ovinos e equinos. Seu subsolo é de qualidade excepcional, as terras altas e planícies garantem um futuro promissor para a diversificação agrícola alternada com áreas de florestamento, e destaca-se na produção de granito e na pesca artesanal, no Distrito de Santa Isabel. (ARROIO, 2020).

e essa apropriação transborda, é visível e perceptível com o mínimo de conversa que se tem com qualquer arroio-grandense, quando se é falado de sua cidade.

Arroio Grande não tem uma universidade presencial, apesar de ter uma Taxa de escolarização de 6 a 14 anos de idade de 98%, segundo o IBGE (2010). Geralmente isso é um fato que distancia a maioria dos jovens interioranos do ensino superior. Em 2019, cerca de 250 alunos, entre os turnos manhã e noite viajavam todos os dias para Pelotas e Jaguarão para cursar um curso superior ou técnico. O contingente que se dirigia a Pelotas era maior, com cerca de 200 alunos². Deste modo, dentro deste grupo tão pequeno de arroio-grandenses, me sinto privilegiado de no ano de 2014 ingressar na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no curso de Geografia (Licenciatura) e no ano de 2018, me tornar um professor de Geografia.

Antes de falar do curso, é importante falar sobre a cidade de Pelotas, uma realidade díspar da vivenciada por mim até então, formas diferentes de pensar, múltiplos estilos e lugares quebraram paradigmas de uma personalidade interiorana. Pelotas é um município, também da região sul do estado do Rio Grande do Sul, considerado uma das capitais regionais do Brasil. Possui uma população de 342.405 pessoas habitantes (IBGE, 2019) e é a quarta cidade mais populosa do estado. Está localizado às margens do Canal São Gonçalo que liga a Laguna dos Patos à Lagoa Mirim, no estado do Rio Grande do Sul, no extremo sul do Brasil, ocupando uma área de 1.609 km² e com cerca de 92% da população total residindo na zona urbana do município (IBGE, 2010).

É importante ressaltar que a cidade de Pelotas conta com cinco instituições de ensino superior, quatro grandes escolas técnicas. Mas irei falar aqui sobre a UFPel, universidade palco desta pesquisa. Assim, minha troca de contextos foi brusca, uma pequena cidade nada relacionada ao ensino superior, para uma cidade que detém forte ligação com a educação superior. Neste viés, o processo de apropriação espacial para/com a cidade, universidade e o curso, bem como com o campus, levou certo tempo, condicionados por alguns fatores como: a mobilidade, o pouco tempo de convívio com os colegas e com o espaço universitário, além de poucas participações em atividades acadêmicas e práxis espaciais faziam com que não conseguisse me sentir completamente apropriado aquele espaço, fato que, até certo ponto, inspirou a temática da minha pesquisa.

² Dados fornecidos pela Secretaria de Educação de Arroio Grande em 2019.

Falando sobre o curso, escolhi a Geografia, num primeiro momento, pensando na rápida inserção que poderia ter no mercado de trabalho. Mas logo nas primeiras semanas de aula comecei a mergulhar no universo geográfico e conseqüentemente a me encantar com as possibilidades que o curso poderia trazer.

Em 2015, no terceiro semestre, ingressei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). O PIBID é um programa que oferece bolsas de iniciação à docência aos futuros professores, fazendo com que estes participem de atividades em escolas parceiras das suas respectivas universidades. Um dos objetivos do PIBID é antecipar o vínculo entre os futuros professores e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o PIBID faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

Complementando, o PIBID foi de vital importância para meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado: “Apropriação do ambiente educacional: Ensino de Geografia e as práticas sócio-espaciais” (2018). Durante esse processo de formação, participei de projetos, oficinas e práticas docentes em espaços de aprendizagem como escolas e universidades e essas práticas me nortearam e embasaram minha pesquisa em 2018.

No mesmo ano, comecei a ministrar aulas no setor privado de Pelotas e também participei do processo seletivo de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGeo/UFPel), e assim ingressei no Programa para dar início a um projeto relacionado também ao espaço educacional, mas agora com um olhar através das práticas espaciais e da apropriação espacial.

Nos primeiros apontamentos do Mestrado, é fácil relatar que a disciplina de Seminário de Orientação, ministrada pela Profa. Dra. Rosangela Lurdes Spironello, foi o principal norte para guiar desde os primeiros passos do projeto até o presente momento da pesquisa. Foi nela que aprofundei os conceitos de práticas espaciais e apropriação espacial, conceitos nos quais já tinha um contato prévio no PIBID e, por meio deste contato prévio, surge a ideia de ligar as práticas espaciais com a apropriação espacial no campus universitário.

Durante as disciplinas do Mestrado, a temática deste projeto foi se moldando, primeiramente, a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Geografia, ministrada pelo Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira, apresentou métodos que dialogavam com meu interesse de desvendar minha tardia apropriação espacial perante o campus

e, conseqüentemente o curso de Geografia, mostrando os caminhos a seguir para conseguir alcançar meus objetivos.

Num terceiro momento surge a disciplina de Trajetórias do Saber na Formação do Professor de Geografia, ministrada pela Profa. Dra. Liz Cristiane Dias, que ofereceu um alicerce bibliográfico gigantesco para este projeto, tendo destaque para Ruy Moreira e Marcelo Lopes de Souza.

Ambos autores foram também referenciados e difundidos no Grupo de Pesquisa e Estudos Espaços Sociais e Formação de Professores – GESFOP, vinculado ao Laboratório de Educação Geográfica e Ambiental – LEGA, sendo o grupo coordenado pelas professoras doutoras Liz Cristiane Dias, Rosângela Lurdes Spironello e Lígia Cardoso Carlos. Este grupo foi de suma importância para elucidar os conceitos espaciais e, principalmente, discutir com os demais participantes, melhores formas de abordar a apropriação espacial.

Dentro destes seis anos de Geografia na UFPel, vivenciei muitas práticas espaciais, principalmente depois do ingresso no PIBID, fato que possibilitou, financeiramente, minha estadia em Pelotas e, conseqüentemente, minha participação nas práticas espaciais extraclasse como seminários, eventos, confraternizações, oficinas, entre outros. Mais do que isso, me fez organizador de eventos, ministrante de oficinas, possibilitando uma perspectiva totalmente diferente do curso. O interessante é que com o passar dos anos, mais integrado às atividades estruturantes do curso de Geografia, e assim participando de mais práticas espaciais dentro da UFPel, eu me sentia mais “próximo” da ciência, do saber, do espaço e das pessoas que ali estavam, diferente do período de migração pendular (viajando todos os dias de Arroio Grande para Pelotas). Hoje, essa pesquisa científica trata de desvendar essa “sensação” de apropriação espacial que vivenciei, antes inexplicada.

Por fim, a ideia inicial desta pesquisa vem da mistura de todos os fatos recorrentes em minha vida: leituras, vivências e experiências. Durante todos os capítulos seguintes tento desvendar se as práticas espaciais contribuem (como contribuíram para mim) para o processo de apropriação espacial dos alunos de Geografia da UFPel. Penso a análise desse fenômeno crucial para entender a dinâmica do Curso e de seus alunos. Por isso, empenho essa proposta no viés de contradizê-la, duvidá-la, para assim entendê-la. Contribuí mesmo? De que forma? Para responder essas questões uso um método qualitativo de análise de dados, este baseado num estudo de caso elaborado sobre um questionário online aplicado voluntariamente aos alunos da Geografia UFPel, afim de

captar uma amostragem sobre o olhar destes sobre as práticas espaciais e a apropriação espacial.

Deste modo, problematizo o que foi coletado com bibliografias relacionadas ao espaço, a Geografia, as práticas espaciais e a apropriação espacial, a fim de que essa discussão possa conflitar e contribuir para uma problematização sobre as práticas espaciais e a apropriação espacial dos alunos da Geografia UFPel.

2 Por que estudar as práticas espaciais?

Parte-se do princípio de que as práticas espaciais são fatores impulsivos no processo de apropriação espacial, assim, diversos são os métodos que um indivíduo pode usar para se apropriar espacialmente de um espaço. Mas tendo consciência do espaço no qual se está inserido, este processo pode se tornar mais eficiente a partir da seletividade, pois segundo Moreira (2017):

A prática espacial começa, e recomeça, na seletividade. A seletividade é o processo de eleição do local com que a sociedade inicia a montagem da sua construção geográfica. Espécie de ponte entre a história natural e a história social se expressando já em termos de espaço, a seletividade é uma decorrência direta do princípio da localização geográfica, uma vez que é por meio da escolha da localização que o homem elege a melhor possibilidade. (MOREIRA, 2017, p. 29).

Nesse contexto, tem-se a primeira nuance das práticas espaciais, a da seletividade, que nos mostra um caminho possível de seleção e de tomada de decisões dos estudantes em relação aos espaços universitários dispostos na malha urbana pelotense. Para exemplificar: pode-se descobrir quais motivos levaram o estudante a selecionar tal espaço para fazer um lanche coletivo, divulgar ou participar de um evento.

Analisa-se a apropriação espacial dos alunos para/com os espaços universitários, buscando desvendar quais modos de apropriação espacial são mais efetivo-significativos para eles, pois compreende-se que é através da apropriação espacial que se definem as potencialidades e necessidades, é onde o espaço assume o papel de vetor de representatividade ao utilizar formas simbólicas que valorizem o indivíduo e o social. Sabe-se que este processo se dá de forma cadenciada e cautelosa, pois os alunos precisam de tempo de adaptação com as novas espacialidades e práticas espaciais que ocorrem no novo ambiente.

Pensa-se essa discussão vital para um entendimento do espaço universitário relacionado ao estudante de Geografia, já que o conceito de práticas espaciais está estreitamente ligado a diversas vertentes do pensamento geográfico, tornando-o impactante nas discussões sobre apropriação espacial, cultural e social de uma sociedade. Deste modo, pode-se dizer que:

A construção geográfica de uma sociedade é um processo de práticas e saberes espaciais dialeticamente interligados numa práxis. Os saberes espaciais que vêm das práticas. E as práticas espaciais que por meio daqueles se orientam. A sociedade geograficamente edificada é o fruto desse amálgama. Como também a própria Geografia. (MOREIRA, 2017, p. 27).

Nessa vertente, a pesquisa discute as práticas espaciais no processo de apropriação espacial no ambiente educacional, processo que se analisa também como forma de resistir às imposições logístico-estruturais que limitam as possibilidades do ambiente da educação. A apropriação ajuda o aluno a entender seus direitos/deveres como cidadão perante a escola/espço, pois quando alguém se apropria de um espaço, simbolicamente e/ou estruturalmente, insere-se automaticamente no processo de construção/intervenção deste lugar. Deste modo, a questão norteadora que orienta as discussões da pesquisa é: **As práticas espaciais no ambiente educacional podem contribuir no processo de apropriação espacial do aluno? Como?**

Aqui, visa-se discutir se as práticas espaciais contribuem no processo de ensino-aprendizagem, utilizando especialmente as práticas como vetores de análise deste processo, tendo como objeto de estudo principal o espaço universitário (mais especificamente o Campus 2 do Instituto de Ciências Humanas (ICH II), campus no qual está situado o curso de Geografia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), não excluindo, outros possíveis espaços no âmbito da UFPel como conectores das práticas espaciais.

Na tentativa de responder esses questionamentos essa pesquisa visa contribuir para uma reflexão significativa para a identidade do curso de Geografia, bem como, espera-se que as análises e reflexões acerca das práticas espaciais no espaço universitário estimulem discussões sobre como esses espaços e as relações nele inseridas, são impactantes no processo de apropriação espacial do aluno.

Nesse sentido, este trabalho se pauta numa escala local de análise, o espaço universitário, visto que esse espaço social atende todas as demandas e das questões levantadas, já que é um espaço “público” e que tem uma finalidade social e econômica para a sociedade, mas, acima de tudo, é um espaço de saber geográfico.

Considerando a escala sócio-espacial, a pesquisa tem como objetivo geral, **analisar de que forma as práticas espaciais estabelecidas pelos estudantes de Geografia da UFPel contribuem para a apropriação dos espaços universitários.** Como objetivos específicos têm-se os seguintes:

- a) identificar quais as práticas espaciais são recorrentes no dia a dia dos alunos de Geografia, no ambiente universitário;
- b) problematizar e discutir quais práticas espaciais são recorrentes no campus da Universidade Federal de Pelotas;
- c) avaliar quais os elementos ou fatores que contribuem ou não para a apropriação espacial dos alunos de Geografia no ambiente universitário;
- d) averiguar as práticas e a apropriação espacial, bem como sua contribuição na formação dos alunos de Geografia.

Para que os objetivos desta pesquisa pudessem ser atendidos, a proposta se estruturou da seguinte forma: O capítulo um mostrou a parte introdutória do pesquisador e da pesquisa, revelando os anseios e as motivações que trouxeram a pesquisa até este ponto. O capítulo dois (este) traz aportes teóricos e problematizações que justificam, introdutoriamente, a pesquisa, além de trazer os objetivos gerais e específicos. O capítulo 3 traz a revisão bibliográfica, é onde irão ser discutidos os conceitos-chave da pesquisa, sendo os dois principais: práticas espaciais e apropriação espacial. No capítulo quatro o objeto de estudo será esmiuçado e problematizado, os alunos da Geografia e os espaços que o curso ocupa na cidade de Pelotas. No capítulo cinco o método adotado para pesquisa se fará presente, calcado numa análise qualitativa através de um estudo de caso. No capítulo seis, os resultados alcançados com as análises do estudo de caso serão assentados à mesa para problematização junto a outros aportes teóricos. No sétimo e último, o trabalho se conclui com as análises finais e projeções futuras para a pesquisa.

3 Alicerces da discussão, o olhar teórico

3.1 Breve discussão sobre a educação no contexto atual no Brasil

Falar sobre educação nos dias de hoje no Brasil é delicado, isto é fato. Sabe-se que os entraves político-administrativos presenciados nos últimos anos, principalmente, na esfera nacional, implicaram ações e reflexos muito negativos à educação, especialmente relativas ao Ensino Médio.

Vertentes neoliberais de governos tomaram as rédeas do país e, assim, estranhamente, na época em que o país vive uma crise social de direitos, as disciplinas de Geografia e História são “cortadas” da obrigatoriedade curricular no Ensino Médio. Os cortes se deram através da aprovação, pelo Plenário do Senado, da Medida Provisória do Novo Ensino Médio (2017), deixando como obrigatórias apenas as disciplinas de Matemática, Português, Educação Física, Artes, Filosofia, Sociologia e Inglês. Apesar de Filosofia e Sociologia permanecerem, a perda para a formação de cidadãos críticos, perante os problemas e desigualdades da vida em sociedade é gritante, Geografia e História são a base da formação de sujeitos que interagem numa sociedade ciente de seus direitos e deveres.

Dentro deste cenário, discute-se modos de contribuição da Geografia como ciência e disciplina na reflexão sobre quais demandas fazem parte de um bom ambiente educacional, ou seja, um ambiente que propicie uma reflexão crítica sobre os atuais problemas da sociedade e do governo. À frente desta situação dinâmica, é indispensável aguçar o debate centrado na função essencial da educação com sua respectiva relação social, cultural, política e econômica. A educação, em seu papel singular de destaque no desenvolvimento social, cultural, não pode ser subjugada predominantemente ao domínio da lógica de mercado, muito menos às diretrizes universais que o modelo de livre mercado/desigualdade impõe, principalmente, aos países periféricos do mundo.

No mundo dito “globalizado” as desigualdades sociais são escancaradas, resultantes de políticas segregacionistas, desde os direitos garantidos ao trabalhador até o descaso com as ciências sociais, são exemplos “neoliberais” que seguem a

índole dessa perversa “globalização”, tão idolatradas por aqueles que mal a conhecem.

De fato, para a grande parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção. (SANTOS, 2001, p. 18).

Nessa concepção, são muitas e evidentes as interpretações, as propostas, as reivindicações que se sintetizam na ideologia globalizada neoliberal: reforma do estado, desestatização da economia, privatização das empresas produtivas e lucrativas governamentais, abertura dos mercados, redução dos encargos sociais relativos aos trabalhadores por parte do poder público e das empresas ou corporações privadas, informatização dos processos decisórios produtivos de comercialização e outros, busca da qualidade total, intensificação da produtividade e da lucratividade da empresa ou corporação nacional ou transnacional (HARVEY, 2008).

A partir deste contexto, a educação se faz refém de decisões tomadas para degradá-la, em atitudes que moldam o ensino brasileiro a produzir trabalhadores que apenas aceitem as demandas do neoliberalismo. Visto isso, por que não pensar a apropriação espacial e as práticas espaciais, apoiadas pela Geografia, como um modo de contribuir para resistir perante os espaços de opressão, seja opressão intelectual ou de capital?

A resposta dessa pergunta ainda não irá aparecer aqui, pois precisa-se de mais aprofundamento para fazê-la. Mas, por ela pode-se trazer pensamentos primordiais da Geografia que alicerçaram os estudos espaciais até hoje, dando um pontapé inicial para uma discussão do espaço como ambiente de práticas e discussões. Como Yves Lacoste, que no seu clássico “A Geografia - isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra” (1985) analisava os terríveis tempos de guerra, nos quais havia vivenciado, discutindo todas as funcionalidades estratégicas que a Geografia proporcionaria a quem soubesse utilizá-la com veemência, analisando os tipos de práticas espaciais exercidas para formar padrões militares. Lacoste (2006) falava também sobre a diferenciação da Geografia Escolar (dos professores) e a Geografia dos Estados Maiores, diferenciação que tinha como característica a omissão de saberes cruciais para os alunos/cidadãos a respeito do real uso da Geografia e de seus direitos perante os recursos dentro de seu território/nação. Nas palavras do próprio:

A Geografia dos professores, funciona até certo ponto, como uma tela de fumaça que permite dissimular, aos olhos de todos, a eficácia das estratégias políticas, militares, mas também estratégias econômicas e sociais que uma outra Geografia permite a alguns elaborar. (LACOSTE, 2006, p. 33).

De imediato, percebe-se que não é de hoje a vontade dos que detêm o poder de omitir os saberes espaciais do povo, ou melhor, dos alunos e futuros cidadãos. Assim, as práticas espaciais aparecem como uma opção para um processo de empoderamento espacial do cidadão perante os espaços que o mesmo ocupa. Pois, as práticas espaciais são importantes nessa discussão, adquirindo, por meio dos usos efetuados, vivenciados e percebidos pelos diferentes sujeitos sociais, relevância na práxis espacial de cada ator. Todavia, as práticas nas quais a interação do habitante com o espaço se mostra de forma mais contundente por meio da sua utilização e apropriação para suas necessidades, são as mais marcantes e nítidas para a análise científica, como elucida Loboda (2009).

Deste modo, neste texto, analisa-se as práticas espaciais dos alunos de Geografia da UFPel, pautando aquelas que podem ter mais ímpeto na apropriação do espaço universitário, pois entende-se que esse processo também é um ponto de resiliência espacial perante as imposições sócio-estruturantes do Brasil. Pois “as práticas sócio-espaciais são mediadoras da apropriação da cidade ou parte dela e, por conseguinte, dos seus lugares, incluso dos espaços públicos” (LOBODA, 2009, p. 36). Neste viés, a prática espacial se configura como algo estruturador e latente na formação do espaço geográfico, e assim, essencial nas discussões relacionadas a um empoderamento espacial.

Mas quando se falar práticas espaciais ou práticas sócio-espaciais? Bom, toda prática é social, como Souza (2010) diz, mas nem toda prática é, via de regra, espacial. Para se tornar uma prática espacial, a ação, que sempre será social, necessita ter uma conotação espacial muito forte, em outras palavras, as práticas espaciais, ou sócio-espaciais

[...] são práticas sociais em que a espacialidade (a organização, a territorialidade, a “lugaridade”[...]) é um componente nítido e destacado da forma de organização, do meio de expressão e/ou dos objetivos a serem alcançados. Toda prática espacial, assim como, mais amplamente, toda prática social é uma ação (ou um conjunto estruturado de ações) inscrita nos marcos de relações sociais, (SOUZA, 2013, p. 241).

Fazendo um questionamento sobre o fragmento de Souza (2013): essas práticas espaciais são regidas apenas por seus atores sociais? No contexto da pesquisa, pode-se analisar que essas práticas espaciais têm autonomia estrutural, e

assim têm também suas próprias espacialidades e funcionalidades no espaço universitário. Mas, não se pode negar que o Estado influencia *modus operandi* da universidade, seja no projeto de educação ou pela injeção de capital direto na universidade. Assim, as ações dos atores, inseridos no espaço universitário, respondem a uma predeterminação estrutural da universidade, esta que, mesmo tendo autonomia administrativa, responde ao Governo Federal do Brasil.

Segundo o Sistema Integrado de Administração Financeira do Governo Federal, desde 2014 até 2019, o Brasil diminui o investimento no Ensino Superior em 15%. Lendo esses dados, fica claro o descaso do Brasil nos últimos anos com ambientes universitários. Esse fato pode afetar diversos setores da UFPel e, assim, influenciar diretamente nas práticas espaciais de muitos alunos.

Desde 2018 até 2020, as universidades federais estão em xeque no atual governo brasileiro, o sistema político adotado assombra o saber e ataca a gama principal de base científica do país (responsável por 90% da ciência brasileira segundo o MEC). A UFPel, uma universidade multicultural que recebe alunos de todo Brasil, é uma universidade importante e atualmente é a responsável, segundo o jornal *El País*, por gerenciar a maior pesquisa de testes em massa no Brasil contra o Coronavírus (COVID-19). É também o maior vetor econômico da cidade de Pelotas, e neste momento sofre com os cortes no orçamento podendo até suspender algumas atividades.

É interessante ressaltar que esses cortes já ocorreram, acarretando o cancelamento de inúmeras bolsas de graduação e pós-graduação, a CAPES, por exemplo, sofreu um corte orçamentário de cerca de 1,2 bilhões de reais, segundo o próprio site da instituição. É de saber geral que essas bolsas são imprescindivelmente necessárias para a permanência de muitos alunos na universidade. Muitas pesquisas e matérias relatam o impacto desses cortes nas vidas dos alunos foram publicadas³. Apesar de todos os percalços, os espaços universitários existem, a UFPel resiste, tentando exercer seu trabalho como instituição disposta a fornecer saber a quem pode alcançá-lo.

Em termos de estrutura (espaço físico), a construção de um campus universitário raramente pensa em seus atores (de um modo social), usualmente

³ (MARIZ, 2019).

baseia-se nos “padrões globais” e “em alunos padrões” para construir a estrutura física, não contribuindo para a apropriação espacial destes atores. Vale ressaltar também as inúmeras instituições educacionais que se veem obrigadas a se instalar em velhos casarões ou prédios, que muitas vezes nem eram destinados a aprendizagem, devido, novamente, a falta de um investimento federal plausível. Segundo Cruz (2011), os ambientes de aprendizagem que se padronizaram podem diminuir a chance de terem representatividade e significância para/com seus sujeitos.

Nem de longe é o foco aqui criticar e pejorativizar o espaço da UFPel, que, apesar de apresentar problemas, abriga com veemência seus alunos, mas é interessante notar os movimentos e práticas exercidas pelos alunos que buscam caracterizar e mudar diretamente esses espaços. Não é raro, ao andar por qualquer campus da UFPel, notar que seus alunos se fazem representados nas paredes, nos quadros, nas estantes, através de trabalhos, banners, artes próprias, lambe-lambes, e de outras formas de expressão. Assim, apesar de sua estrutura pré-definida, as paredes da UFPel refletem (em alguns campi mais, outros menos) seus alunos, mostrando uma resiliência espacial do grupo estudantil perante as imposições arquitetônicas, e no campus da Geografia não é diferente.

3.2 A Geografia e o Espaço

Os campi da Geografia são a morada da ciência geográfica em Pelotas, o termo Geografia é derivado de uma palavra grega, *Geographia*, cuja tradução literal é “descrição da terra”. O vocábulo grego é composto por dois radicais que podem facilitar o entendimento da palavra. GEO, que significa “terra” e GRAPHEIN, “descrever” ou “descrição”. No significado, esse substantivo feminino significa: ciência que descreve detalhadamente a superfície da Terra, estudando seus aspectos físicos, biológicos e as relações entre o meio natural e os grupos humanos.

Claramente não se pode definir uma ciência tão complexa com apenas essas discussões prévias. A Geografia pode ser física, econômica, urbana, humana, e assim ela analisa e problematiza a relação do ser humano com a natureza, com seu local de vivência, o planeta Terra. Todos esses vieses de análise não são pensados separadamente, mas sim juntos, para que de uma maneira coesa se entenda que as

ações sociais impactam o meio natural, e assim o homem é compreendido como sujeito em constante mutação colaborativa com seu espaço de vida, o espaço geográfico.

O espaço geográfico é o objeto de estudo da Geografia, é onde ela se debruça e faz a magia acontecer, é o palco das discussões e problematizações da ciência. Por definição, espaço geográfico é o fruto da relação natureza x sociedade, ou seja, as ações humanas sobre o espaço natural, prévio ou modificado, geram o espaço geográfico.

Mas todo espaço é um espaço geográfico? Tudo que há no planeta Terra pode ser chamado de espaço geográfico? Para começar essa discussão, é necessário trazer à tona o que se entende aqui por espaço. Harvey (2012) mostra que nas nuances da cidade no capitalismo, a importância de se problematizar a respeito da natureza do espaço é vital. O autor diz também que o espaço pode ser trabalhado em três diferentes dimensões: espaço absoluto, espaço relativo e espaço relacional. Deste modo, o Harvey (1973) faz uma síntese dos três:

Se considerarmos o espaço como absoluto ele se torna uma 'coisa em si mesma', com uma existência independente da matéria. Ele possui então uma estrutura que podemos usar para classificar ou distinguir fenômenos. A concepção de espaço relativo propõe que ele seja compreendido como uma relação entre objetos que existe pelo próprio fato dos objetos existirem e se relacionarem. Existe outro sentido em que o espaço pode ser concebido como relativo e eu proponho chamá-lo espaço relacional – espaço considerado, à maneira de Leibniz, como estando contido em objetos, no sentido de que um objeto pode ser considerado como existindo somente na medida em que contém e representa em si mesmo as relações com outros objetos. (HARVEY, 1973, p. 13).

O autor diz que nenhuma das três análises, separadas, podem “definir” o que é o espaço, mas juntas caminham para uma compreensão mais profunda sobre as diferentes espacialidades. O espaço absoluto, físico-engessado-estagnado, o espaço das construções e dos arquitetos se relaciona com o espaço relativo, que é o espaço temporal, vivido, dos fluxos, das mercadorias. Ambos, sem exceção, dialogam com o espaço relacional, o espaço dos sentimentos, sons, odores e das relações e práticas sociais. Neste corpo textual, quando a palavra “espaço” se fizer presente, estará se referindo ao espaço das relações sociais, o espaço relacional, o espaço que melhor traduz as práticas espaciais.

Processos não ocorrem no espaço, mas definem seu próprio quadro espacial. O conceito de espaço está embutido ou é interno ao processo. Esta formulação implica que, como no caso do espaço relativo, é impossível separar espaço e tempo. Devemos, portanto, focar no caráter relacional do espaço-tempo mais do que no espaço isoladamente. A noção relacional do

espaço-tempo implica a ideia de relações internas; influências externas são internalizadas em processos ou coisas específicas através do tempo [...]. (HARVEY, 2012, p. 12).

Outro autor que dará base para as discussões espaciais nesta pesquisa será Lefebvre, este que nos diz que o espaço é intrínseco à realidade social, sendo este um produto social, que produz e é produzido socialmente. Sendo assim, não existe espaço em si mesmo, a priori, ele é um produto social.

As pessoas, por circunstâncias da vida, em suas atividades diversas das mais simples às mais sofisticadas, estão produzindo espaço e transformando-o. Segundo a teoria topológica de Bourdieu (2011), o espaço social é determinado por estruturas sociais objetivas, ou seja, por uma multiplicidade de campos sociais, independente da consciência e da vontade dos indivíduos, mas que são capazes de orientar suas práticas e representações. O que implica que produzir é produzir espaço. Portanto, o modo de produção social está no núcleo da produção espacial. As forças produtivas e as relações de produção têm um papel fundamental na produção espacial.

Agradecendo Bourdieu pelo *insight*, Lefebvre volta para a análise de espaço social, agora mostrando que as práticas espaciais adentram fortemente no pensamento dele, visto que:

A prática espacial de uma sociedade secreta seu espaço; ela o põe e o supõe, numa interação dialética: ela o produz lenta e seguramente, dominando-o e dele se apropriando. Para a análise, a prática espacial de uma sociedade se descobre decifrando seu espaço. (LEFEBVRE, 2006, p. 65).

Deste modo, Lefebvre tenta explicar a produção do espaço através de uma tríade de pensamentos: tríade dialética – percebido, concebido e vivido. O espaço percebido traz o vivido como norte, junto com suas identidades que o acompanham. O espaço social aparece no modo como os atores percebem, representam e praticam suas experiências cotidianas. Assim, a produção do espaço vivido está baseada na prática espacial do indivíduo, em relação ao espaço que este está inserido, pois é:

A prática espacial, que engloba produção e reprodução, lugares especificados e conjuntos espaciais próprios a cada formação social, que assegura a continuidade numa relativa coesão. Essa coesão implica, no que concerne ao espaço social e à relação de cada membro de determinada sociedade ao seu espaço, ao mesmo tempo uma competência certa e uma certa performance. (LEFEBVRE, 2006, p. 59).

No espaço concebido, o autor traz as representações do espaço que são produzidas intelectualmente pela racionalidade dos cientistas, pelo viés técnico e sistemático. Equivale ao modo de projetar, analisar e estudar o mundo:

As representações do espaço, ou seja, o espaço concebido, aquele dos cientistas, dos planejadores, dos urbanistas, dos tecnocratas 'retalhadores'

e 'agenciadores', de certos artistas próximos da cientificidade [...]. É o espaço dominante numa sociedade (um modo de produção). As concepções do espaço tenderiam [...] para um sistema de signos verbais, portanto, elaborados intelectualmente. (LEFEBVRE, 2006, p. 66).

Já o espaço vivido, ou espaço de representação, se define pela vivência cotidiana. Nele incluem-se os desejos, resiliências, modos de vida, frustrações, sonhos, etc. Essa dimensão imaterial, que compõe o espaço do representado, integra o modo do indivíduo estar no mundo. Trata-se da dimensão simbólica do espaço. Dá significado ao espaço e assim se liga à materialidade do mundo, um alicerce perfeito para se projetar e analisar as práticas espaciais e a apropriação espacial. Deste modo, o espaço da representação, é onde o sujeito consegue se sentir representado perante o espaço. A tríade não deve ser analisada separadamente, mas sim em confluência como o autor diz:

É imprescindível que o vivido, o concebido, o percebido sejam reunidos, de modo que o "sujeito", o membro de determinado grupo social, possa passar de um ao outro sem aí se perder. Eles constituem uma coerência? Talvez, nas circunstâncias favoráveis. Sem dúvida há então uma linguagem comum, um consenso, um código. (LEFEBVRE, 2006, p. 68).

Assim, nesta pesquisa Harvey será de extrema importância para não se fadar a um olhar físico dos campi universitários apenas, mas também olhar as dimensões racionais e relativas do espaço universitário. Lefebvre traz a teoria que permite com que se desvende o processo de produção do espaço, o qual é resultado da tensão dialética do concebido, percebido e vivido. Visto isso, as práticas espaciais se fazem primordiais nessa análise, especialmente nos espaços vividos e percebidos, estes que prometem ser potencializadores das discussões sobre práticas espaciais e apropriação espacial.

Nesse sentido, compreende-se que as práticas espaciais são vetores de apropriação espacial a partir do momento em que elas são praticadas de forma consciente e contínua, dentro de um espaço que é significativo para os atores. Deste modo, a prática espacial se faz intrínseca na ciência geográfica de diversas maneiras, já que o espaço geográfico é a soma de tempos contínuos e descontínuos relacionado ao ambiente e seus atores. Orientada, então, no saber,

[...] a prática espacial avança. E o seu avanço empurra a marcha de captação ideal para um plano ainda maior daquela. Saber e prática desdobrando a noção ainda preñe de empiria do senso comum na ideação já plena de abstrato do conceito. Também aqui a práxis é a mãe do desenvolvimento. A prática orientada é estimulada a deslocar-se do ponto-começo sucessivamente para novas áreas, levando a ideação do saber a ampliar-se em generalização na escala comparativa de um número sempre maior de experiências práticas, pela qual as categorias nocionais do saber do senso

corrente ganham o caráter universal das categorias conceituais do saber sistemático da ciência. Passo que alça a práxis saber-prática do senso comum do vivido à práxis saber-prático do discurso abstrato da Geografia. (MOREIRA, 2017, p. 28).

Essa reflexão se justifica por ter notoriedade na atual conjuntura política de desvalorização territorial cidadã que segrega nosso espaço e assola nosso país e, seguindo o que nos diz Santos quando afirma que:

[...] em nosso país jamais houve a figura do cidadão. As classes chamadas superiores, incluindo as classes médias, jamais quiseram ser cidadãs; os pobres jamais puderam ser cidadãos. As classes médias foram condicionadas a apenas querer privilégios e não direitos. (SANTOS, 2011, p. 49-50).

Santos, elucida as disparidades sociais brasileiras que são recorrentes desde o século XVI das quais ao longo dos anos vem crescendo ainda mais, apesar de lapsos temporais de amenização da desigual sociedade brasileira. Nossa cidadania plena está longe de ser alcançada, e neste trabalho, pensa-se que as práticas espaciais podem ser um vetor de apropriação espacial, apropriação essa que faz parte da formação espacial de um cidadão.

Entende-se que, se os agentes das práticas espaciais adotarem um discurso igualitário, de busca por uma territorialização plural e democrática do espaço, esse espaço pode se tornar, de uma forma heterogênea, um espaço mais benéfico e melhor utilizado por seus atores, neste caso, estudantes universitários. Pois, conforme esclarece Straforini (2018, p. 189):

[...] as práticas espaciais, enquanto ações espaciais, precisam ser compreendidas também na sua dimensão discursiva, ou seja, compreender o processo de significação discursiva que uma prática espacial carrega e produz, seja ela heterônima, seja insurgente. Logo, toda espacialidade do fenômeno também carrega um sistema discursivo.

Pensa-se que estudar a apropriação espacial dos alunos é fundamental, pois como Cavalcanti (2011) nos diz, muitos movimentos são necessários para que a prática da Geografia (escolar ou universitária) favoreça os educandos na aquisição de conceitos e interpretações das diversas espacialidades, buscando desenvolvimento do pensamento geográfico crítico, já que:

[...] a apropriação do espaço permite aos seus atores, organizá-lo quer ao nível estratégico, quer ao da intervenção social. No estabelecimento de uma relação entre o espaço e as características dos indivíduos podem ser adotadas duas atitudes opostas. Uma consiste na visão do espaço enquanto estrutura “neutra” pelo que o estudo deverá se concentrar nas características sociais dos habitantes, os quais têm a capacidade de orientar a forma como se realiza a própria apropriação. (CRUZ, 2011, p. 2).

Cavalcanti (2017) mostra que, nesses movimentos, tanto nas orientações teóricas quanto nas atividades práticas, os caminhos traçados vão em direção às reflexões e definições sobre finalidades educativas/espaciais da Geografia, sobre a necessidade de orientar a seleção de conteúdos para essas finalidades, articulando-se a busca de metodologias para aprendizagens mais ativas e significativas dentro do espaço que o aluno está inserido, visto que

Tudo na vida humana começa e se resolve nas práticas espaciais. Atividade que ocorre no âmbito da relação homem-natureza, no momento e colagem da busca do homem de prover-se de meios de vida em contato com as fontes naturais do meio circundante, a prática ambiental, e daí se desdobram para autonomizar-se em práticas sociais, políticas, culturais. Sob essas diferentes formas, a prática espacial é o instrumento de toda edificação. As necessidades da vida são o móvel das práticas espaciais. O mesmo que dizer das práticas espaciais como respostas moventes das necessidades da vida humana. Quando uma comunidade humana entra em contato com o solo agrícola, por exemplo, o móvel é a busca do homem de extrair desse solo o que este lhe oferece de possibilidade de existência. E o espaço organizado a resposta teórica e prática. (MOREIRA, 2017, p. 27).

As práticas espaciais, se conhecidas, estudadas e problematizadas servirão de teste empírico para quem usa esse espaço para otimizar e/ou apropriar-se desse espaço em sua totalidade, e assim assumir protagonismo perante aquele espaço, visto que este é um espaço social e mútuo de fluxo contínuo e carregado de identidade e pertencimento, mas que muitas vezes é negligenciado pelas forças do Estado ou das tendências mercantilistas da educação brasileira.

Como pode ser observado na Figura 1, o saber espacial contribui para a apropriação espacial e para um melhor uso do espaço. Essa apropriação, por sua vez, aperfeiçoa as práticas espaciais dos atores dentro desse espaço, visto que um ator com consciência e propriedade espacial pode pensar e organizar práticas espaciais mais contundentes, agindo como um sistema de engrenagens que tem sua funcionalidade medida através do atrito dos dentes de cada peça. Aqui os conceitos se impulsionam nas análises teóricas e, como em um motor, ganhando torque e força caminham para um entendimento espacial maior.

O esquema de engrenagens (Figura 1) elucida o trabalho das práticas espaciais sobre o saber espacial e a apropriação do espaço, deixando claro que os três elementos funcionam em conjunto, formando um fluxo. Aqui o foco é, porém, primeiramente as práticas espaciais e, posteriormente, a apropriação espacial.

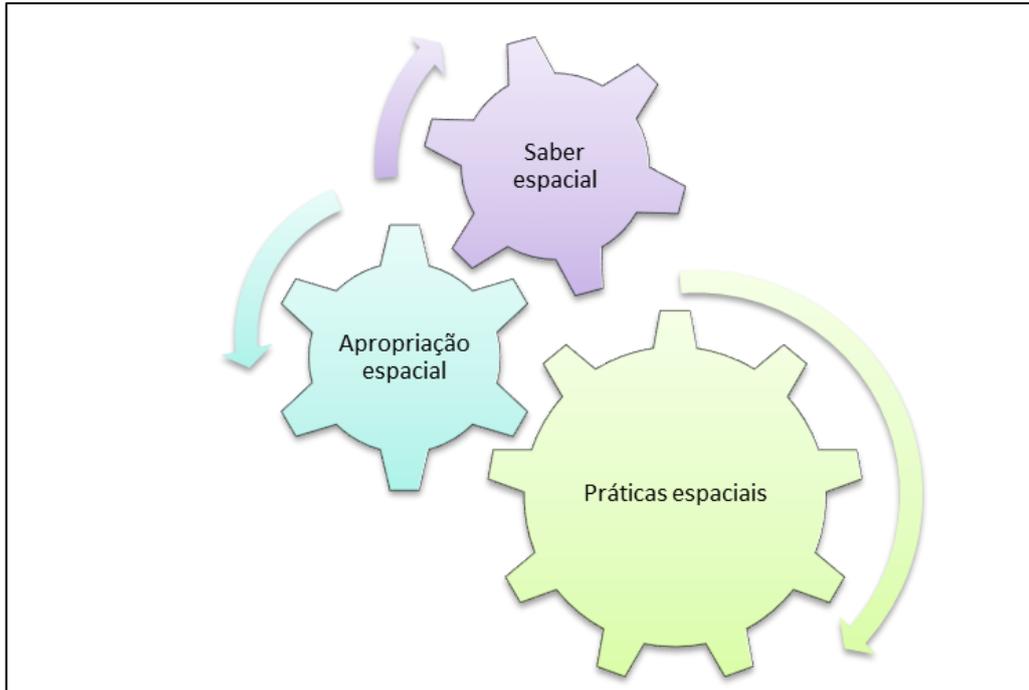


Figura 1 – Esquema de engrenagens.
Fonte: Elaborado pelo autor, 2020.

As experiências e práticas vividas confirmaram as teorias antes abordadas, enfatizando como a integração e a prática espacial nutrem a identidade estudantil do acadêmico. Além das práticas espaciais cotidianas como assistir as aulas e socializar durante os intervalos (que são a base do fluxo educacional), existem outras práticas espaciais que são “extraclasse”, como participação em eventos, seminários e atividades sociais curriculares (ou não) dentro do Campus, que ocorrem, geralmente, fora do horário das aulas.

Neste viés, acredita-se que uma percepção espacial dotada de embasamento teórico pode ser fonte para a criação de um olhar crítico perante o espaço ocupado, e esse olhar pode contribuir para idealização de uma práxis na perspectiva do Campus ICH II, já que

A percepção, mestra seja da noção e seja do conceito, é aí uma categoria de mediação. A categoria da passagem da prática e do saber, seja da noção, seja do conceito, em seu vai-vém de conversão recíproca. Por isso instância reguladora dos acertos e reacerros dos ajustes e reajustes que orientam sua reciprocidade. E o sinal, antes que a noção e o conceito, do momento preciso da mudança. (MOREIRA, 2017, p. 39).

O saber geográfico entra nesse fluxo de ideias quando se pode utilizá-lo como uma essencial e imprescindível válvula de escape, para o olhar espacial da discussão desta pesquisa, pois este saber está em fase de construção dentro do arcabouço dos alunos que serão a base de dados da pesquisa.

Sendo assim, pode-se dizer que este trabalho é umbilicalmente ligado à ciência geográfica, de modo que suas questões espaciais viabilizam discussões que levam em conta o saber espacial dos atores que fazem parte do nosso objeto de estudo, e que discutem a base científica teórica deste saber espacial através das práticas espaciais, visto que:

O saber que chamamos Geografia é o campo talvez mais comum desse plano duplo de interseção da noção e do conceito, do senso comum e da ciência, da percepção e da ideologia. Dado seu cunho de um combinado do empírico e do abstrato, do singular e do universal, da noção e do conceito, entes de essência das práticas e saberes espaciais, percepção e ideologia desde as origens são o elo do poder de fogo e sua indiscutível popularidade. (MOREIRA, 2017, p. 41).

Geograficamente pensando, este é o modo mais correto de dar veracidade científica e espacial para o que está sendo proposto aqui, já que a Geografia é o campo mais propício para o cruzamento do saber empírico espacial com a teoria científica.

3.3 As fases/formas e funcionalidades das práticas espaciais na apropriação espacial de um ambiente educacional

Dito isso, a partir do momento que o aluno que tem a possibilidade de participar de todas as práticas, cotidianas ou não, fica evidente que a identidade desse aluno para/com o curso é muito maior do que a identidade do aluno que apenas pode presenciar as práticas espaciais cotidianas do turno das aulas. Assim, esse diálogo se torna vital ao curso que estuda o espaço geográfico.

Souza (2013) mostra que as práticas espaciais não se limitam às forças hegemônicas (capital e estado), chamada por ele de práticas espaciais heterônomas, mas também à autonomia (chamada por ele de práticas espaciais insurgentes), ou pelo menos à luta contra a heteronomia. Claro que as práticas espaciais heterônomas ao longo da história sempre foram mais frequentes do que as autônomas, visando sempre a submissão, o adestramento, amansamento e o enquadramento subalterno dos corpos e das mentes. Deste modo, as práticas podem aflorar como um fio condutor para uma emancipação do indivíduo no processo de apropriação do espaço.

Como destacado na introdução deste trabalho, as práticas sócio-espaciais são um meio muito efetivo de apropriação espacial, contribuindo para que os alunos

tenham de forma crítica o espaço, analisando este como palco de suas materialidades, sociabilidades e intervenções sociais/espaciais. Percebe-se que a Geografia pode impulsionar o estudo espacial do saber, pois consegue por meio de seus conceitos e de suas metodologias de análise espacial, contribuir com satisfação no processo de apropriação espacial do aluno.

Todo aluno tem uma identidade espacial/social/histórica com seu curso, com as pessoas nele inseridas e com o espaço que este ocupa. Assim, deve-se problematizar, indagar e investigar os atores e objetos que fazem parte do fluxo educacional do curso, visto que um fluxo educacional pensado, correto e efetivo, pode proporcionar práticas sócio-espaciais inclusivas e contemplar uma gama muito maior de alunos.

Do mesmo modo, Castrogiovanni (1998) explicita que o ensino de Geografia em tempos de globalização/mundialização do capital, deve priorizar a análise do local, das vivências, dos conflitos e diferenças presentes em cada realidade, sempre articulando com o acontecimento em outras escalas de análise, principalmente em relação ao global e os impactos sobre o cotidiano, sobre as relações interpessoais, as práticas espaciais e sobre o mercado de trabalho.

Nessa visão, o indivíduo como ser atuante, tem a possibilidade de utilizar desses espaços para expressar suas inquietações e também reflexões provedoras de seus conhecimentos e saberes já adquiridos, dando assim, maior relevância e sentido aos conteúdos ligados à Geografia e demais ciências e, assim, reivindicar nesses espaços os direitos roubados pela globalização neoliberal. No que se refere ao sentido, Callai (2014, p. 15) nos afirma que ele:

[...] é dado através da possibilidade de que o conhecimento seja utilizado para que cada sujeito seja protagonista da sua história e que consiga compreender que construímos os espaços onde vivemos. Este entendimento nos leva a considerar a importância dos conteúdos de cada disciplina com o caráter de significado para a vida individual e social que cada um vive. (CALLAI, 2014, p. 15).

A fim de posteriormente dar profundidade a pesquisa, ressalta-se a funcionalidade instrumental da prática espacial na educação e na construção do pensamento crítico-espacial do indivíduo. Pois, ao utilizar o ambiente educacional como alicerce, tanto para as discussões, quanto para as práticas relacionadas ao espaço, proporciona-se a abstração dos conceitos de forma muito mais efetiva, tendo em mente o espaço educacional como um espaço apto e efetivamente propício às discussões sócio-espaciais.

Em outras palavras, a Geografia, para além do desenvolvimento de habilidades e competências (pouco associadas à interpretação de mapas, figuras, tabelas e gráficos, configurando um ensino descontextualizado e acrítico), deve resgatar as denúncias das desigualdades e dos problemas sociais. Deste modo, a problematização das práticas espaciais entra como vetor desse processo, ao proporcionar discussões vividas e palpáveis ao educador/profissional de Geografia, podendo fazer o uso para discussão desde as práticas escolares até as práticas da vida de cada educando.

Conclui-se que as práticas espaciais e a Geografia contribuem de forma significativa para a formação de um ser crítico e transformador da realidade, pois a relação das práticas e da Geografia se faz fundamental para discutir os problemas estruturais do capitalismo e das contradições da realidade. O fruto dessa relação pode contribuir no processo de produção/reprodução do espaço geográfico pelo homem, na constante determinação dialética da relação sociedade/natureza na configuração histórica do mundo atual.

Espera-se mostrar a funcionalidade das práticas espaciais na apropriação espacial do ambiente educacional, culminando em um saber espacial que contribuirá na construção do pensamento crítico do aluno. Visa-se aqui evidenciar que as práticas espaciais, carregadas de consciência espacial, proporcionam um maior aproveitamento daquele espaço e, assim, auxiliam no processo de construção do saber espacial, resultando num melhor aproveitamento institucional (UFPel) e educacional (Geografia).

4 Um ambiente de aprendizagem: Primeiros olhares sobre a Universidade Federal de Pelotas

Para compreender melhor nossa proposta, considerou-se importante trazer um compilado de informações sobre a Universidade Federal de Pelotas (UFPel), universidade esta que apresenta características peculiares quanto a sua estruturação e configuração sócio-espacial. A UFPel é uma instituição de ensino superior com sede administrativa na cidade de Pelotas, RS. Possui também um campus no município do Capão do Leão.

Conforme informações contidas no site da UFPel (2017)⁴ sobre os cursos ofertados, a universidade possui atualmente 94 cursos de graduação, 45 cursos de mestrado e 23 de doutorado distribuídos em 22 unidades acadêmicas (6 Centros Acadêmicos, 4 Institutos Básicos, 11 Faculdades e 1 Escola Superior de Educação Física). Atualmente, possui cursos de mestrado e/ou doutorado nas áreas do conhecimento das Ciências Exatas e da Terra, Ciências Biológicas, Engenharias, Ciências Agrárias, Ciências da Saúde, Ciências Sociais, Ciências Humanas, Direito, Letras e Artes, contando também com cursos de atuação multidisciplinar.

Para confirmar a amplitude de cursos, essas unidades acadêmicas geridas pela UFPel encontram-se organizadas da seguinte forma: Centro de Artes; Centro de Ciências Químicas, Farmacêuticas e de Alimentos; Centro de Desenvolvimento Tecnológico; Centro de Engenharias; Centro de Integração do Mercosul; Centro de Letras e Comunicação; Escola Superior de Educação Física; Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel; Faculdade de Arquitetura e Urbanismo; Faculdade de Direito; Faculdade de Educação; Faculdade de Enfermagem e Obstetrícia; Faculdade de Medicina; Faculdade de Meteorologia; Faculdade de Nutrição; Faculdade de Odontologia; Faculdade de Veterinária; Instituto de Biologia; Instituto de Ciências Humanas; Instituto de Física e Matemática; e Instituto de Filosofia, Sociologia e Política.

⁴ (CURSOS, 2020).

Deste modo, é possível lançar o olhar para o espaço universitário como um espaço plural de interconexões. Com essa gama de cursos e turmas, o ideal para o conhecimento, a multiespacialidade dos campi fomenta uma gama de diferentes práticas espaciais a serem sociabilizadas entre diferentes alunos de distintos cursos.

Nesse contexto, considera-se importante olhar para a mobilidade urbana dos diferentes sujeitos que vivem a universidade (em especial, os alunos). Obviamente que, durante seus 51 anos de vida, a UFPel passou por várias mudanças, desde a sua nítida ampliação e reconfiguração dos espaços físicos, o que motivou que esse olhar se voltasse para atender as novas demandas e a própria característica peculiar da universidade, de ser uma instituição dispersa pela área urbana de Pelotas e no município do Capão do Leão.

Nesse sentido, nos últimos anos, foi possível verificar alguns investimentos em mobilidade, como por exemplo, a ampliação da frota de ônibus de apoio, interligando os diferentes espaços educacionais da UFPel (Reitoria, ICH I, ICH II, Restaurante Universitário, Biblioteca, dentre outros), propiciando que as práticas espaciais pudessem se ampliar. Mas será que essa logística tem contribuído efetivamente para a ampliação das práticas espaciais dos alunos de Geografia, uma vez que, como os demais alunos da universidade necessitam acessar esses diferentes espaços, que muitas vezes se encontram distantes uns dos outros? Como adquirir uma identidade espacial vivenciando ou não esses diferentes espaços? Como se dá a apropriação espacial desses espaços educacionais, em especial o Campus 2 do ICH, espaço este de maior circulação dos alunos da Geografia?

Para tentar responder aos questionamentos levantados pelas concepções teóricas e as discussões bibliográficas desse corpo textual, foi feito um questionário qualitativo, aplicado online através da ferramenta de formulários do Google, de 11/05/2020 até 28/05/2020, para grupos de alunos da Geografia UFPel. Os grupos escolhidos para a publicação do questionário estão dentro da plataforma Facebook, sendo eles: “GEO-UFPel”, “PiraGeo”, “Pibid Geografia” e “Geografia UFPel”. Este método apareceu como única alternativa sólida para a coleta de dados desta pesquisa, visto que a sociedade global entrou em um período de isolamento no ano de 2020, e a Universidade Federal de Pelotas foi uma das instituições brasileiras que também se projetou para o combate ao Coronavírus, suspendendo suas atividades no mês de março.

4.1. Primeiras análises sobre os alunos de Geografia e seus espaços de apropriação

O objeto de estudo deste trabalho são as práticas espaciais exercidas pelos estudantes de Geografia da UFPel nos espaços universitários. Mas antes de desenvolver este objeto, é necessário abordar algumas especificidades dos dois principais elementos que fazem parte dele: alunos de Geografia.

Sem uma pesquisa aprofundada, é difícil descrever um perfil de aluno de Geografia, mas pode-se fazer uma prospecção através do Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura, entendendo que a Geografia em Pelotas lida com um contingente de alunos trabalhadores, visto que:

A flexibilização do trabalho, a relativização das fronteiras e a introdução de técnicas de interpretação e ensino baseadas em novas tecnologias, impõem ou exigem as mudanças propostas. Nessa mesma perspectiva, a Geografia tem se preocupado cada vez mais em oferecer alternativas para oportunizar o acesso à Universidade a alunos trabalhadores. Com esse intuito, tem voltado sua prática para a comunidade mais próxima, ofertando o Curso no período noturno e se engajando em projetos que possibilitem a viabilização de tal objeto. (UFPEL, 2018).

No mesmo projeto é evidenciada a preocupação para atender uma demanda de alunos advindos de outras cidades, demonstrando outro contingente, os alunos migrantes. De pronto, pode-se destacar que parte dos alunos tem apenas um turno disponível para usufruir da universidade, seja pelo trabalho ou deslocamento. Assim, na Geografia da UFPel, existem alunos que não participam de eventos acadêmicos nos períodos da manhã e da tarde, alunos que chegam cansados da viagem ou do trabalho, alunos que têm suas práticas espaciais, dentro dos espaços da universidade, limitadas por uma força social externa. É possível fazer uma suposição que alunos desse nicho, por vezes, não conhecem nenhum laboratório fora do ICH II, ou até mesmo outros campi da universidade.

Nesse contexto, compreende-se que analisar a logística espacial da universidade é algo delicado, visto que esse olhar deve contemplar os fatores primordiais que fazem desses prédios citados os prováveis mais procurados pelos estudantes de Geografia. Fatores como fluxo de uso do espaço, serventia do espaço, modos de uso e organização espacial, devem ser assentados na mesa para que se possam objetivar essa pesquisa.

É prudente analisar a dependência dos alunos para com a infraestrutura universitária, esta que está conectada com laboratórios, acervos bibliográficos, salas

disponíveis, espaços para sociabilização, entre outros. Neste trabalho, no qual se fala de práticas espaciais, é importante verificar onde estão dispostos esses espaços tão importantes para estas práticas, e ao observar esses espaços dispostos, percebe-se a distância deles perante o local de aulas dos discentes. Eventos e laboratórios científicos vetores de práticas espaciais voltadas ao saber, geralmente, têm parte de seu cronograma inserido em outro prédio que não o do Curso de Geografia, isso muito devido às características da própria universidade e pela falta de infraestrutura do ICH II.

No que se refere ao principal espaço frequentado atualmente pelos alunos da Geografia, tem-se o denominado Campus ICH II, um prédio locado pela UFPel junto à Universidade Católica de Pelotas (UCPel). Este prédio localiza-se na Rua Almirante Barroso, 1202. No local funcionou, originalmente, o Colégio Diocesano de Pelotas e, logo após, diversas áreas da UCPel, conhecido como Campus II da Católica. O prédio tem o funcionamento das 8h da manhã até às 22h30min, recebendo assim, aulas nos três períodos do dia. No caso da Geografia, todas as disciplinas obrigatórias do currículo ocorrem à noite e, conforme demanda excepcional, algumas também acontecem durante o dia.

Adentrando mais especificadamente no ICH II, este atende os cursos de Geografia e de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis. Para a Geografia, normalmente são disponibilizadas 12 salas a cada semestre para a realização das aulas. O curso conta também com 3 laboratórios didáticos e 1 de pesquisa. O Campus II contém 2 auditórios e cerca de 3 espaços voltados para convivência, os quais são compartilhados entre os cursos do ICH e da própria UFPel. Nesse espaço também funciona a parte administrativa da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis da UFPel.

A Figura 2 nos mostra os principais prédios da Universidade Federal de Pelotas, dentre os quais pode-se identificar alguns dos espaços nos quais os alunos de Geografia fazem uso:

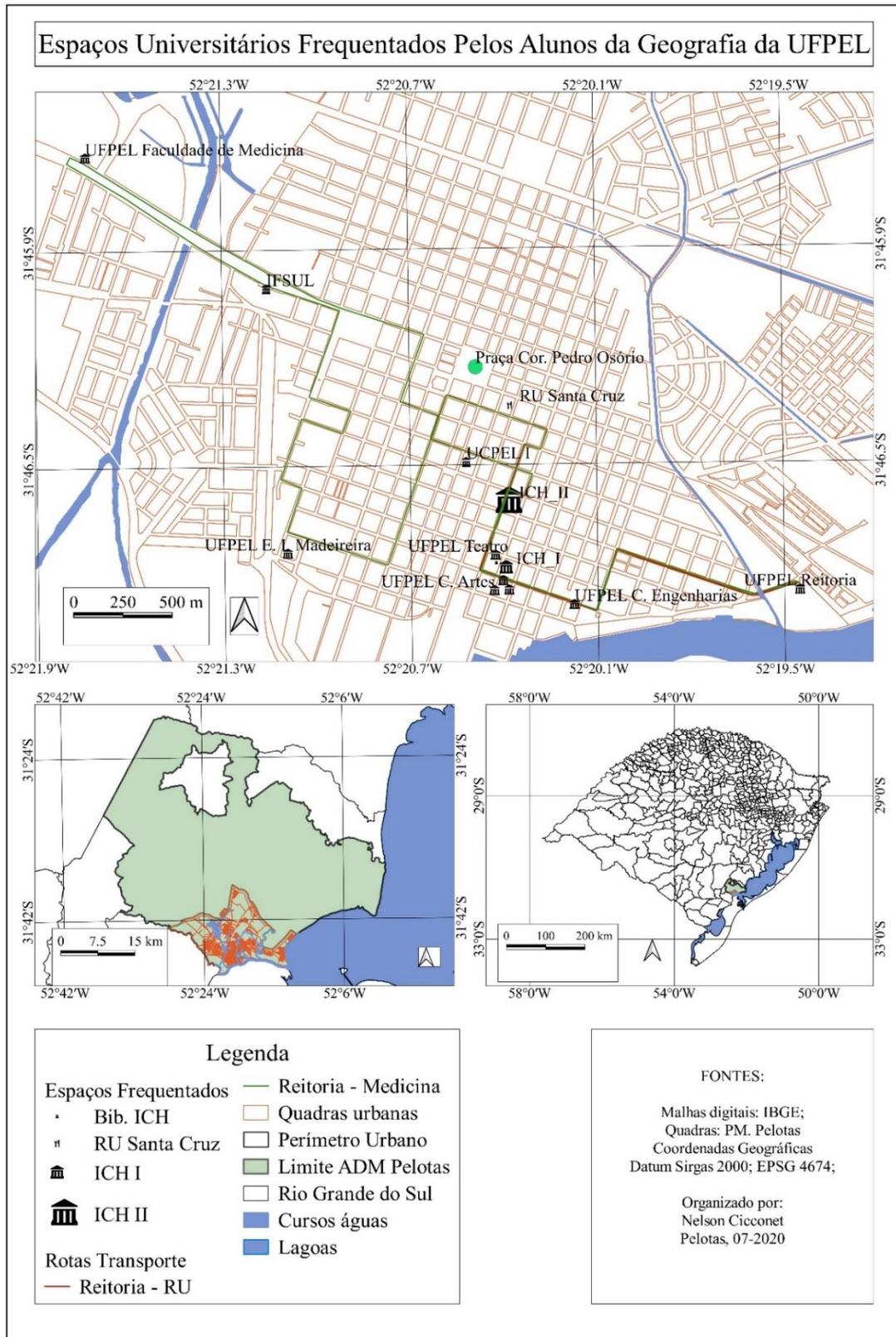


Figura 2 - Mapa dos principais espaços frequentados pelos alunos de Geografia da UFPEL. Fonte: Cicconet, 2020.

É importante destacar que, ao longo da história dos cursos de Geografia, estes se instalaram em diferentes espaços (prédio de antiga fábrica, prédios comerciais no centro de Pelotas, escolas, dentre outros). Como o foco não é fazer o resgate histórico desses espaços desde o princípio, buscar-se-á destacar os espaços ocupados pelos alunos nos últimos anos, para potencializar o debate sobre as práticas espaciais dos alunos de Geografia que participaram da pesquisa.

Como espaços que merecem destaque são:

a) o Salis Goulart, utilizado até 2016 como campus único da Geografia na parte noturna, disponibilizando todas as salas de aulas do curso, contemplando parte dos laboratórios (de ensino de Cartografia e Geoprocessamento);

b) Campus ICH II, que é usado pela Geografia até o momento e, como apontado anteriormente, é o principal prédio da Geografia UFPel.

Até 2016 o curso de Geografia da UFPel era situado na antiga Escola Salis Goulart na Rua Félix da Cunha, nº 510 – Bairro Centro. Conhecido também como Instituto de Ciências Humanas – Campus V (ou ICH V). No início de 2017, devido a um remanejamento administrativo, o curso foi deslocado para um “novo” local que era utilizado, anteriormente, como Campus II da UCPel, localizado na R. Almirante Barroso, 1202 – Centro. A Figura 3 mostra as imagens dos dois prédios mencionados.



Figura 3 - Fotografias dos prédios Salis Goulart (ICH V) e antigo Campus II da UCPel, hoje ICH II.
Fonte: Do autor, 2019.

Os estudantes, desde 2012, tiveram vivências espaciais dentro do ICH V e lá criaram vínculos, espacialidades, experiências que marcaram nosso histórico individual e coletivo como estudantes de Geografia. Tanto as práticas sócio-espaciais mais triviais, como os eventos e atividades acadêmicas que lá ocorreram, ajudaram a transformar o antigo “Salis” (nome do qual grande maioria dos alunos chamavam o

ICH V) num lugar no qual os alunos tinham uma identificação/segurança espacial, fazendo com que se sentissem parte daquele espaço vivido e percebido por eles.

Mas, como dito anteriormente, o curso trocou de habitat e assim transferiu-se para outro espaço. Quando um curso troca de campus não troca apenas de um prédio para outro, ele troca de fluxo espacial e deixam apenas na memória as relações lá vividas. No antigo campus existiam pontes espaciais construídas que permitiam a modelagem e o uso completo daquele espaço por parte dos alunos. Tais práticas “migraram” para o novo campus, mas, obviamente, não seguiram as mesmas, pois o elemento primordial da prática espacial – o espaço – mudou, assim, nesse novo habitat, os alunos diariamente constroem e estruturam novas práticas dentro do ICH II.

Outro espaço que se destaca é o RU (Restaurante Universitário), onde os estudantes se reúnem para realizar suas refeições. Atualmente o RU do centro (Figuras 4 e 5) se localiza na Rua Santa Cruz, número 1705, e atende das 11h às 14h (almoço) e, das 17h30min às 20h (jantar), esses horários podem sofrer modificações de acordo com dias da semana ou eventos específicos. O RU também funciona aos finais de semanas, mas o acesso é por meio de *tickets* que podem ser comprados durante os dias úteis.



Figura 4 – Fotografia dos alunos almoçando no RU.
Fonte: Tomaz, 2018.

O RU também tem um sistema de isenção da taxa de refeição para os alunos que necessitam desse auxílio. Vale destacar também o RU do Anglo, no qual alguns alunos da Geografia, esporadicamente, almoçam ou jantam lá, geralmente quando há algum evento no Anglo, ou quando estes buscam a reitoria da universidade.



Figura 5 – Imagem do Restaurante Universitário da UFPel (Centro).
Fonte: Google Street View, 2019.

Pode-se mencionar também as Bibliotecas da UFPel, mas em especial a Biblioteca de Ciências Sociais, que tem importância imprescindível na formação dos alunos de diferentes cursos, da área de Ciências Sociais e Humanas, onde a Geografia se insere. Lá os alunos se reúnem para estudos e retiram materiais para leitura e pesquisa. Conforme a Figura 6, a biblioteca localiza-se na rua Almirante Barroso, nº 850, funcionando das 8h às 20h. Inaugurada em 04 de junho de 2018, apresenta uma infraestrutura fluída com salas de aulas/estudos.



Figura 6 – Fotografia do CEHUS/Biblioteca de Ciências Sociais.
Fonte: Do autor, 2019.

Nesse prédio localiza-se também o Centro de Pós-Graduação e Pesquisas em Ciências Humanas, Sociais, Sociais Aplicadas, Artes e Linguagem (CEHUS), que atende aos seguintes programas de pós-graduação: PPG em Antropologia e Arqueologia; PPG em Arquitetura e Urbanismo; PPG em Artes Visuais; PPG em Ciência Política; PPG em Educação; PPG em Educação Matemática; PPG em Ensino de Ciências e Matemática; PPG em Filosofia; PPG em Geografia; PPG em História; PPG em Letras; PPG em Memória e Patrimônio Cultural; e PPG em Sociologia.

Existe também o ICH I (Figura 7), espaço no qual a maioria dos laboratórios da Geografia se situa. Nesse campus, que funciona das 8h às 22h, tem-se instalados os laboratórios de pesquisa, que atendem os alunos da graduação e da pós-graduação. Destacam-se: o Laboratório de Estudos Agrários e Ambientais (LEAA), o Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação e Geografia (GEPEG), o Laboratório de Educação Geográfica e Ambiental (LEGA) e o Laboratório de Estudos Aplicados em Geografia Física (LEAGEF).



Figura 7 – Fotografia do Instituto de Ciências Humanas (ICH I).

Fonte: <https://wp.ufpel.edu.br/portodasartes/files/2014/11/ich-424x283.jpg>

Vale a menção ao prédio do Direito, o qual abriga um auditório também utilizado para a realização de eventos da Geografia, e por fim o Campus Anglo (local em que se localiza a Reitoria e as Pró-Reitorias, além de alguns setores administrativos da UFPel). O Campus Anglo tem servido de espaço importante para a realização da maioria dos eventos científicos gerais da UFPel, como a Semana Integrada de Ensino Pesquisa e Extensão (SIIPE).

5 O caminho percorrido, chegando à metodologia

A presente pesquisa quanto a sua abordagem, caracteriza-se como pesquisa qualitativa. A pesquisa qualitativa se mostra muito à caráter para esse tipo de trabalho, visto que funciona numa perspectiva integrada, de modo que o pesquisador problematiza o fenômeno a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas dentro do seu objeto de estudo, considerando todos os pontos de vista relevantes.

Nesse contexto, Minayo (2010, p. 57) diz que pesquisa qualitativa é

[...] o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam. Embora já tenham sido usadas para estudos de aglomerados de grandes dimensões (IBGE, 1976; Parga Nina et.al 1985), as abordagens qualitativas se conformam melhor a investigações de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análises de discursos e de documentos.

Deste modo, o olhar qualitativo busca revelar as práticas espaciais que permeiam o espaço universitário, identificando processos que, muitas vezes, devido ao fato de se tornarem parte da rotina, passam despercebidos pelos próprios envolvidos na pesquisa, os alunos da Geografia da UFPel. A pesquisa qualitativa não apresenta preocupação com um grande número de dados, pois não há intenção em demonstrar resultados quantitativos. Sendo assim, ela foca em desvendar o fenômeno em observação, tentando trazer, através da análise de dados interpretativos, a maior veracidade possível para trabalhar o seu objeto de estudo. Por isso, caracteriza-se como pesquisa exploratória, considerando o foco abordado.

No desenvolvimento das pesquisas, existem vários métodos que podem ser utilizados de acordo com o delineamento das propostas: Etnografia, Pesquisas Narrativas e Estudo de Caso, entre outros. Essa pesquisa encontra-se assentada no estudo de caso, para coletar e analisar os dados que embasarão as discussões do trabalho, centrando-se assim na análise bibliográfica, no estudo e na coleta de dados acerca das práticas espaciais, na observação pessoal durante o período de vivência e no diálogo entre as práticas observadas. E a teoria antes abordada, esse diálogo, deveras, será em uma perspectiva dialética, pois

A perspectiva dialética, assim como a comparação, a densidade descritiva, o significado e sua organização e as variações, consiste numa preocupação da etnografia. Dialética no sentido fundamental da noção, que os norte-americanos chamam, de relação ecológica entre os vários atores sociais ou grupos numa comunidade ou instituição, movimento histórico vivenciado pelos atores sociais num determinado espaço de tempo. Procuramos as relações entre estes fenômenos e não apenas um fenômeno particular. (MATTOS, 2011, p. 60).

Dissecando sobre a escolha de método, sabe-se que o estudo de caso é um método qualitativo que consiste, geralmente, em uma forma para responder questionamentos que o pesquisador não tem controle sobre os fenômenos estudados.

O estudo de caso cresce quando se utiliza este em fenômenos que se têm intimidade, deste modo, as discussões geradas podem ser mais profundas. Ele pode ser o vetor de questionamentos para averiguar os caminhos que levaram a decisão social/política “x” e não a “y” em determinado espaço. Conforme Yin (2001) o estudo de caso é uma estratégia que pauta suas abordagens específicas em coletas e análise de dados, para que estes sejam problematizados com bases teóricas.

Mas o que é estudo de caso? Segundo Martins (2006), o estudo de caso pode ser investigação empírica que se ocupa de fenômenos contemporâneos dentro de seu contexto de vida real em que esses ocorrem, neste caso, as práticas espaciais dentro da universidade.

As práticas espaciais no espaço universitário são um objeto de estudo complexo e não podem ser problematizadas sem levar em consideração o espaço onde estas ocorrem. Através delas, os alunos vão expressar sua opinião sobre as práticas espaciais e, assim, suas próprias interpretações sobre o espaço.

Assim, neste estudo de caso, o “quem” são os alunos regulares de Geografia da UFPel de 2020, o “que” são as práticas espaciais exercidas por eles, o “onde” são os espaços universitários disponibilizados pela universidade, o “como” são os tipos de práticas que irão ser desvendadas através do questionário, e o “por que” para desvendar o impacto dessas práticas do processo de apropriação espacial destes alunos.

Com o uso deste método, essa pesquisa quer construir alicerces para outras discussões sobre práticas espaciais em outros contextos, não buscando uma generalização, mas sim, sendo clara e objetiva para que outros pesquisadores possam fazer o uso dos dados e discussões aqui gerados. Como Mazzoti (2006, p. 645) elucida:

No entanto, temos observado que muitas pesquisas classificadas por seus autores como “estudos de caso” parecem desconsiderar o fato de que o conhecimento científico desenvolve-se por meio desse processo de construção coletiva. Ao não situar seu estudo na discussão acadêmica mais ampla, o pesquisador reduz a questão estudada ao recorte de sua própria pesquisa, restringindo a possibilidade de aplicação de suas conclusões a outros contextos pouco contribuindo para o avanço do conhecimento e a construção de teorias. Tal atitude frequentemente resulta em estudos que só têm interesse para os que dele participaram, ficando à margem do debate acadêmico.

O estudo de caso deve também apresentar uma motivação plausível para uma pesquisa científica. Neste trabalho tem-se a peculiaridade acerca do ambiente universitário da Universidade Federal de Pelotas que, em sua organização espacial urbana, tem diversas unidades espalhadas dentro da cidade de Pelotas. Pois, em alguns estudos de caso

[...] o autor apenas aplica um questionário ou faz entrevistas em uma escola, sem explicitar por que aquela escola e não outra, deixando a impressão de que poderia ser qualquer uma. Ou seja, a escola ou a turma escolhida não é um “caso”, não apresenta qualquer interesse em si, é apenas um local disponível para a coleta de dados. Em consequência, a interpretação desses dados é superficial, sem recurso ao contexto e à história. (MAZZOTI, 2006, p. 640).

Visto isso, essa metodologia desvendará quais práticas os alunos experienciam dentro desse complexo espaço universitário, e como estas auxiliam ou não no processo de apropriação espacial destes atores em relação a sua universidade. Por fim, como Yin (2011) elucida, é preciso ter cuidado extremo na análise dos dados coletados e fazer com que estes falem através de teorias, pois caso contrário, a pesquisa se perde em especulações vazias e vagas, afirma conclusões destituídas de base teórica e empírica. É preciso também ter flexibilidade para, ao longo do estudo de caso, voltar às proposições iniciais (teoria preliminar), realizar inferências analíticas com relação a elas, perante os dados e evidências coligidos, redirecionar os procedimentos e técnicas de coleta de dados e avaliar permanentemente o foco nas questões de pesquisa e proposições iniciais, bem como ir apurando conclusões parciais e catalogando descobertas e achados.

Para fundamentar o embasamento teórico e metodológico desta pesquisa buscou-se alguns autores como Moreira (2017) e Souza (2009; 2016) para dar alicerce às discussões sobre práticas espaciais, Cruz (2011) e Loboda (2011) para dialogar no âmbito da apropriação espacial, englobando suas peculiaridades dentro do espaço geográfico, e para algumas relações prévias entre a apropriação espacial

no ambiente universitário e aprendizagem utilizou-se como fontes Callai (2014) e Cavalcanti (2011; 2017).

Deste modo, o estudo de caso abordou a relação entre três elementos:

a) Análise Documental de arquivos e documentos, observação e dados experienciais coletados pelo autor desde 2014 até o momento da defesa, porém, concentrando o foco no ano de 2020;

b) Coleta de dados através de questionários qualitativos. Com os dados coletados almejou-se ter um a fonte vital sobre o olhar espacial do aluno em relação as práticas espaciais e assim ter uma base mais clara para responder nossos objetivos;

c) Reflexão constante da base teórica, tanto para problematizar os dados coletados através do questionário qualitativo como para discutir as experiências etnográficas;

Contudo, é importante destacar um fator relevante no processo de desenvolvimento da pesquisa. Esta pesquisa tinha a sua meta inicial de aplicar um questionário qualitativo, para todas as turmas matriculadas nos cursos de Geografia no primeiro semestre de 2020. Isso não foi possível, pois, em meados de março de 2020, o Brasil passara a vivenciar um momento excepcional, a presença de uma pandemia, a qual já era global. A partir desse período a universidade passa a entrar em período de quarentena, com isolamento social, suspendendo as atividades acadêmicas. Isso passou a comprometer o levantamento de dados e o planejamento inicial da presente pesquisa.

Diante disso, houve uma reestruturação da proposta de aplicação do questionário, optando-se em enviar um formulário através da rede mundial de computadores, ou seja, de modo *online*, na plataforma Google Forms (Formulários Google) para os alunos regulares da Geografia Licenciatura e Bacharelado de 2020. A coleta da amostra se deu por adesão voluntária. Esta ferramenta foi selecionada devido ao fácil manuseio, tanto para coleta de dados como para compilação, visto que esta gera um relatório automático de respostas.

Nesse contexto, Creswell (2007, p. 186) traz contribuições dizendo que “o processo de coleta de dados pode mudar à medida que as portas se abrem ou se fecham para a coleta de dados, e o pesquisador descobre os melhores locais para entender o fenômeno central de interesse”.

Assim, o questionário ficou disponível pelo período de 11/05/2020 até 28/05/2020, para grupos de alunos de Geografia da UFPel. Como já mencionado anteriormente, os grupos escolhidos para a publicação do questionário foram: “GEO-UFPel”, “PiraGeo”, “Pibid Geografia” e “Geografia UFPel”. Foram coletados somente 20 questionários.

Contudo, compreende-se que, mesmo não obtendo um dado quantitativo expressivo, face ao número total de alunos matriculados nos cursos de Geografia Licenciatura e Bacharelado (em torno de 400 alunos), pode-se inferir que diante das circunstâncias foi significativo, pois as respostas refletiram o cenário que propiciou o debate sobre as práticas espaciais e a apropriação espacial.

Toda a proposta levou em consideração, obviamente, a participação do pesquisador nas práticas espaciais que ocorreram no período de 2014-2020 na UFPel como experiência agregada ao tema pesquisado. Este questionário (Apêndice A), composto por sete perguntas, nos possibilitou averiguar quais são as práticas espaciais exercidas pelos alunos da Geografia baseando-se numa análise de discurso e, por fim, foram tecidas as considerações finais.

6 O que se descobriu? Discutindo os resultados

Neste capítulo serão trazidas à tona as respostas coletadas pelo questionário aplicado. Assim, com base nestes dados, os apontamentos levantados por esse trabalho irão se confirmar ou não a hipótese levantada. O questionário foi aplicado nas datas de 11/05/2020 até 28/05/2020 para grupos de alunos da Geografia UFPel participantes dos grupos da plataforma Facebook, mencionados anteriormente, coletando uma amostra total de 20 questionários.⁵ Vale destacar que os cursos de Geografia Licenciatura e Bacharelado possuem cerca de 400 alunos matriculados.

O questionário contou com 7 perguntas que objetivaram tratar do tema envolvendo as práticas espaciais e apropriação espacial no ambiente universitário. Tais questões serão explicitadas e discutidas a seguir.

A primeira questão foi a seguinte:

1- Você frequenta os espaços da universidade quantas vezes por semana?

No questionário, tinha-se as opções definidas de 1 até 5 vezes por semana.

Esta questão teve o intuito de verificar o nível de assiduidade e presença que os alunos têm com os espaços universitários. Este dado serve de termômetro para que se possa identificar o nível de conexão semanal que a amostra tem com os espaços universitários, assim obteve-se as seguintes informações, conforme a Figura 8:

⁵ Obteve-se esse baixo número na amostragem devido a esta ser de adesão voluntária, com aplicabilidade online (não presencial). Acredita-se que a baixa adesão tenha sido reflexo da dificuldade de acesso à internet, às redes sociais, bem como ao acesso à equipamentos como smartphones e computadores, ou até mesmo a falta de interesse em contribuir com a proposta da pesquisa.



Figura 8 – Gráfico de resultados da questão 1.
Organização: Do autor, 2020.

Observando o gráfico pode-se ver que a maior parte dos alunos têm uma relação frequente com a universidade e seus espaços. Cerca de 75% frequentam diariamente os espaços universitários. Sendo assim, este dado leva a crer que esta relação contínua pode ser um fermento para melhor aproveitamento e utilização dos espaços. 15% dos estudantes que participaram da pesquisa responderam que frequentam a universidade 4 vezes por semana. 10% respondeu que frequenta pelo menos duas vezes por semana os espaços da universidade.

Este dado mostra como a universidade impacta na vida das pessoas, mesmo que indiretamente, as práticas espaciais que lá ocorrem tomam um pouco da vida destes atores durante, no mínimo, três vezes na semana, ou seja, o vínculo que estes têm com a infraestrutura sócio-espacial da universidade é algo cotidiano, vivido, experienciado quase que dia a dia.

Este padrão contínuo revela um *habitus* comportamental que, segundo Bourdieu (2013), se caracteriza pelas congruências rotineiras/sociais que as pessoas realizam dentro dos espaços sociais, funcionando com um *modus operandi* que segue as diretrizes sócio-espaciais estruturantes da universidade, ou seja, implica a estes atores práticas espaciais de, no mínimo, três vezes na semana dentro dos espaços sociais da universidade. Esta lente pode elucidar que há uma dialética entre os agentes sociais (alunos de Geografia da UFPel) e a estrutura social (Universidade), que estes dois elementos, juntos, formam o espaço social.

Bom, mas o que é espaço social?

Neste texto, já foram abordados os conceitos de espaço geográfico e espaço absoluto/relativo, mas e o espaço social? Bordieu (2013), entende que o espaço social

é fruto das relações sociais constantes, ou seja, é uma grande estrutura de relações sociais, exemplo: alunos de uma universidade. Deste modo, essas relações sociais estarão em contato constante com instituições sociais, como por exemplo a própria UFPel e, assim, os alunos fazem parte da construção e estruturação desta instituição, e a UFPel faz parte da construção social de cada aluno. Aprofundando o conceito, o autor nos diz que

O espaço social, espaço abstrato constituído pelo conjunto dos subespaços ou dos campos campo econômico, campo intelectual etc., dos quais cada um deve sua estrutura à distribuição desigual de uma espécie particular de capital, pode ser apreendido sob a forma da estrutura da distribuição das diferentes espécies de capital que funcionam, simultaneamente, como instrumentos e objetos de lutas no conjunto dos campos (o que, em A Distinção, é designado como volume global e estrutura do capital¹⁰). O espaço social fisicamente realizado (ou objetivado) se apresenta como distribuição, no espaço físico, de diferentes espécies de bens e serviços e também de agentes individuais e grupos fisicamente localizados (enquanto corpos ligados a um lugar permanente: domicílio fixo ou residência principal) e dotados de oportunidades de apropriação desses bens e serviços mais ou menos importantes (em função de seu capital, e também da distância física em relação a esses bens, a qual também depende de seu capital). É essa dupla distribuição no espaço dos agentes enquanto indivíduos biológicos, e dos bens, que define o valor diferencial das diversas regiões do espaço social realizado. (BOURDIEU, 2013, p. 136).

Essa vertente de pensamento pode trazer também outro conceito do sociólogo francês, o conceito de capital cultural. Em termos gerais, é o nível de poder que um ator pode exercer sobre um espaço social, se sobressaindo ou não perante os outros atores desse espaço através de seu *status quo*. Este status pode ser dado através do reconhecimento que este ator detém perante a sociedade, seja por meio de seus conhecimentos, trabalhos ou conquistas. Neste caso, o capital cultural seria a formação acadêmica em Geografia. Assim, a busca por esse capital faz com que estes atores frequentemente, quase que diariamente e de forma quase arbitrária, a universidade, respeitando e recriando (conforme suas práticas espaciais) as estruturas do espaço social universitário da UFPel.

Para se conseguir ver com maior clareza onde estes alunos praticam seus *habitus*, a questão dois traz uma especificação espacial para que se possa distinguir os espaços mais recorrentes dentro dos *habitus* dos alunos. Com o resultado desta questão, construiu-se a representação cartográfica da página 36 (Figura 2).

Assim, a questão dois, com caráter mais qualitativo, traz a seguinte abordagem:

2- Quais espaços da UFPel você mais frequenta e por quê?

Exemplos:

a) Campus 2 do ICH;

- b) Campus 1 do ICH;
- c) Restaurante Universitário;
- d) Biblioteca;
- e) Anglo/Reitoria;
- f) outro.

Essa questão trouxe para a discussão quais locais estes alunos utilizam com mais frequência, sendo assim, em primeiro lugar, com 19 respostas, ficou o ICH II. Obviamente esse espaço é o mais utilizado pelos alunos, porque ali é que ocorrem todas as atividades referentes as cadeiras obrigatórias do curso de Geografia, tanto do bacharelado quando da licenciatura, além de abrigar três laboratórios: o Laboratório de Estudos Urbanos e Regionais, Laboratório de Ensino de Cartografia e o Laboratório de Geotecnologias. A partir dessa questão, obteve-se algumas manifestações dos alunos questionados:

Campus ICH II, pois, é onde tenho aulas; Campus I do ICH é onde fica a maior parte dos laboratórios e grupos de pesquisa do qual faço parte, e no intervalo das aulas frequento o RU para almoçar/jantar. Ocasionalmente a biblioteca para pesquisa. (Aluno 1).

O ICH II é o foco maior deste texto e, como esperado, aparece em 100% das manifestações como o espaço mais utilizado. É nele onde ocorrem as práticas mais triviais, desde o ir e vir, conversas, cafés improvisados, divulgação de eventos, sociabilização e, principalmente, as aulas. Estes elementos entram no leque de variáveis de práticas espaciais que irão aparecer aqui, estas que são o nó intrínseco entre o aluno e o espaço que este ocupa, atua e estrutura, visto que

[...] o espaço é, ao mesmo tempo, produto e condicionador das relações sociais – convicção essa que, graças à historicização há pouco referida, nada tem a ver com atribuir ao espaço um papel de “determinação” de maneira semelhante ao que era professado no âmbito do determinismo ambiental ou geográfico que tanto marcou gerações passadas de geógrafos. (SOUZA, 2016, p. 235).

Deste modo, é nele que se concentram a maior quantidade de atividades espaciais, mesmo que estas, por vezes, se dividam em outros espaços. Sendo assim, pressupõe-se que este seja o espaço de mais impacto no processo educacional do aluno. Sendo espaço também, nos últimos anos (2019-2020), palco das principais práticas pensadas e projetadas no espaço, como eventos (como o Vaga-viva), seminários (como o seminário anual do PIBID) e confraternizações (cafés/grupos de estudos). Estes eventos serão apontados de forma mais detalhada nas questões 5 e 6.

Como já antecipado pelo aluno 1, o segundo espaço que mais apareceu na amostra foi o ICH I, aparecendo em 11 respostas. Este espaço, como dito no capítulo sobre a caracterização do objeto, é onde se localizam diversos laboratórios e grupos de pesquisa (LEGA, LEAA, GEPEG e LEAGEF). Estes laboratórios são de suma importância na formação acadêmica daqueles que têm o tempo e interesse em participar. Estes laboratórios são espaços de construção teórica e metodológica, de discussões sobre pesquisas no campo da Geografia e Ciências Humanas.

Assim, a amostra translucida que o ICH I é caracterizado, para o aluno de Geografia, como um espaço social de trabalho, de extraclasse e de projetos como pode-se observar: “ICH, pois lá se encontram laboratórios onde trabalho e o Campus II, onde tenho aula e passo meu tempo livre”. (Aluno 3).

Estes projetos podem propiciar uma experiência espacial “diferente”, visto que seus bolsistas ou voluntários, passam mais tempo se relacionando com o espaço social universitário do que os alunos que não fazem parte de nenhum laboratório ou projeto de pesquisa. Deste modo, estes que estão mais tempo inseridos no espaço social podem ou não, ter uma carga espacial de conhecimento que propicie a estes uma posição mais elevada na hierarquia do espaço social de Bourdieu (2013).

Ainda sobre a análise do autor, essa posição pode conceder mais conhecimento sobre o espaço, e assim favorecer seu uso por aqueles que estão mais inseridos no contexto universitário. Pode-se observar essa discrepância em exemplos triviais, nos quais os alunos inseridos em projetos ocupam espaços de mais “poder” do que os demais graduandos. Exemplo: “Um aluno do 3º semestre entra juntamente com um professor, em uma turma do 4º semestre, para divulgar um evento do seu laboratório, este toma a fala e explica datas e passos para que os graduandos participem deste evento”.

Então, aquele que está informando, perto do quadro branco e ao lado da autoridade máxima daquele espaço social (sala de aula), o professor, representa, mesmo que subjetivamente, uma posição mais elevada na hierarquia deste espaço social. A simbologia do exemplo comprova isso, este fato só é verossímil pelo capital cultural e intelectual que os laboratórios de ensino e de pesquisa podem oferecer para seus alunos. Pois o capital, para Bourdieu (2013) é o que difere os atores dentro do espaço social.

Mas aqui, nesse contexto, qual impacto destes atores que tem um “maior” vínculo temporal/espacial com a universidade, com aqueles alunos regulares que

cumprem apenas as horas de aula? É difícil mensurar algo tão subjetivo, e nem é o intuito desta pesquisa, mas é interessante levantar esses questionamentos para uma prospecção na problematização acerca da apropriação espacial dos alunos perante esses espaços sociais, e como essas hierarquias espaciais pode impactar nessas práticas espaciais. Enfim, são questionamentos para aguçar o leque de outras pesquisas futuras no campo das relações sócio-espaciais, por que não?

O terceiro lugar mais presente nas respostas foi Restaurante Universitário do centro, localizado na Rua Santa Cruz, distante cerca de 600 metros, o que é o equivalente a 8 minutos de caminhada do ICH II. Este local aparece nas questões respondidas 8 vezes: “Frequento o Campus 2 – aulas, RU – alimentação, ICH – laboratório e biblioteca - leitura”. (Aluno 5).

O RU é um espaço universitário que oferece práticas espaciais únicas aos alunos, e é fato que este tem uma finalidade importantíssima para o aluno da Geografia, visto que 40% frequenta semanalmente este espaço. É o espaço onde muitos alunos da Geografia fazem suas refeições, sempre balanceadas por especialistas da Nutrição, sendo assim, parte vital da estrutura do estudante.

O último espaço destacado por essa questão é a Biblioteca de Ciências Sociais, aparecendo em 20% das respostas: “a) Campus 2; c) Restaurante Universitário; d) Biblioteca do Campus I ICH”. (Aluno 2).

Este espaço é destinado ao estudo, como citado duas vezes nas respostas, é um ambiente localizado logo à frente do Campus ICH I, um espaço novo, reformado, que desde 2019 começa a atrair os alunos para o uso, oferecendo mesas para estudo, computadores e, é claro, um contingente significativo de material bibliográfico físico, que os alunos podem utilizar. Considera-se pertinente fazer uma observação em relação a pouca procura dos alunos da Geografia pelo espaço da biblioteca da área de Ciências Sociais do CEHUS/ICH I. Para além do gosto ou não de ter acesso à leitura por parte dos alunos, ou até por terem acesso à fonte digitais, outro fator limita o acesso à biblioteca. Como os cursos de Geografia são cursos que funcionam no turno noturno e a maioria dos alunos é composta por trabalhadores, estes ficam restritos às visitas à biblioteca, pois a mesma funciona até às 20h, horário este que dificulta a visita, mesmo por dentro das disciplinas que os alunos estão matriculados.

A questão 3 propõe uma análise sobre a visão dos alunos em relação as práticas espaciais atuando sobre as dinâmicas da universidade, sendo apontada da seguinte forma:

3- Você acredita que as práticas espaciais são impactantes no processo de apropriação espacial e que contribuem para pensar as dinâmicas da universidade? Justifique:

Irônico? Dúbio? Como podemos controlar nossas ações no espaço? Ou estamos no “piloto automático”? Até que ponto não somos fadados ao destino rotineiro do nosso curso natural em busca de um melhor lugar na hierarquia social? Tentando responder essas questões, as práticas espaciais mostram-se como ações humanas que ocorrem no espaço, projetam intenções – frustrações – tensões e emoções, e para além da filosofia barata, é necessário refletir sobre o porquê dessas ações impactarem no espaço, e este espaço é balizado por essas ações ao mesmo tempo que impacta profundamente na tomada de rumo das práticas espaciais. Para além, pode-se dizer, embasados em Souza (2016, p. 236), que o espaço é:

[...] um ingrediente essencial e pleno de implicações da sociedade concreta, estabelece o entendimento de que pretender mudar as relações sociais sem mudar a organização espacial (não somente no que concerne ao substrato material, mas também aos territórios e lugares) seria, mais que inútil, um verdadeiro contrassenso.

Souza translucida o impacto da análise espacial sobre a sociedade, mostrando que esses elementos – espaço e sociedade – estão conectados, como pode-se notar no relato do aluno 15, que traz à tona problemas sociais através da simples análise da distribuição espacial da UFPel:

Sim, infelizmente os prédios acadêmicos são muito separados e isso implica em diversas dificuldades, pelo menos para mim, como segurança, tempo perdido no trajeto, necessidade de pegar transporte. (Aluno 15).

Deste modo, ressalta-se a contribuição dessa análise relacional para o estudo da sociedade e assim, para a apropriação espacial. Na manifestação, analisa-se uma das interessantes contribuições dos alunos em relação a esses conceitos:

Concordo com a afirmativa de que as práticas espaciais têm efeito no processo de apropriação, visto que, o indivíduo só irá se ver como parte do espaço ao interagir com o mesmo, ou seja, os sentimentos que envolvem a pessoa sentir-se pertencente passa previamente pelas suas práticas desenvolvidas naquele espaço, sendo construída a partir daí. (Aluno 3).

Praticar e se apropriar, existe uma ordem correta? Não, caracterizado por um processo de fluxo, esses dois conceitos ocorrem ao mesmo tempo, um complementando o outro. O processo de apropriação se mostra mais complexo, como o próprio aluno elucida. Ele se dá de uma maneira relacional/experiencial, que muitas vezes sim, pode ocorrer de forma involuntária, mas também pode ocorrer de forma pensada, com práticas e apropriações planejadas no espaço. Percebam a

interessante contribuição do Aluno 10: “As práticas espaciais servem de suporte para a apropriação espacial, possibilitando autonomia aos grupos e aos indivíduos no espaço”.

Assim, praticar no espaço, pensar/projetar o espaço e se apropriar do espaço. Sem uma ordem correta, este é um fluxo complexo e intermitente que acontece em diversos espaços sociais. Veja:

- a) *Praticar* ações com certa regularidade, involuntárias ou não, no espaço (práticas espaciais);
- b) *Pensar* como e porque utilizar determinado espaço social, projeta-se a prática;
- c) *Apropriar* suas práticas para aquele espaço, ao mesmo tempo que esse espaço se reestrutura através das práticas nele inseridas.

Então a dupla reflexiva (fruto das análises Bourdieusianas e Souzasianas) valida a importância das práticas espaciais para o processo de apropriação espacial (como dito na Revisão bibliográfica). Como pode-se ver neste relato, quando se pensa o espaço, ou se projeta ele, como mencionado nas ocasiões de eventos, palestras entre outros, essa apropriação se torna mais palpável e visível aos seus atores. Observem:

Sim, acredito. Porque, por exemplo, no momento em que eu organizo um evento acadêmico do meu curso, que eu me envolvo na organização deste mesmo no ambiente universitário, acabo me inteirando melhor naquele ambiente, conhecendo as pessoas, me identificando e guardando bons momentos que farão eu lembrar daquele espaço com emoções afetivas. Assim como, essa atividade também me fará pensar sobre o que se encontra presente naquele espaço. (Aluno 2).

Deste modo, volta-se para a amostra afim de pensar sobre as diferentes percepções que estes alunos têm sobre a importância das práticas para o processo de aprendizagem, como exemplo o Aluno 14:

Sim, acredito que práticas espaciais são importantes no processo de apropriação espacial, pois com a nossa intervenção no espaço no decorrer do tempo traz uma sensação de pertencimento. Isso se reflete na minha trajetória acadêmica, com a rotina de estar presente no ambiente acadêmico a um considerável período e que isto contribui a pensar de forma diferente nas dinâmicas praticadas na Universidade.

Deste modo, dentro do espaço social (um espaço fruto das relações sociais), estes exemplos de atividades são problematizados e problematizantes, vetores e vetorizados e estão em constante processo de apropriação e reapropriação do espaço, formando um fluxo sócio-espacial no espaço universitário.

Vê-se aqui as relações sociais e o espaço de maneira coesa e fluida, não diferindo um ao outro, mas sim percebendo que a relação desses dois conceitos não pode ser analisada separadamente, pois ambos formam uma categoria de análise única do espaço.

Partindo para questão 4, tem-se uma análise quantitativa simples, porém não simplista, a fim de perceber, em números, o impacto das práticas espaciais no processo de apropriação espacial num ambiente educacional, no caso nos espaços universitários. Assim, de 1 (pouco importante) a 5 (muito importante) foi dada a questão:

4- Qual a importância educacional das práticas espaciais dentro e fora do campus ICH 2 da UFPel (Eventos, atividades extraclasse, seminários, grupos de estudo, intervenções espaciais, momentos culturais), para a apropriação espacial?

E o resultado obtido na amostra foi esse:

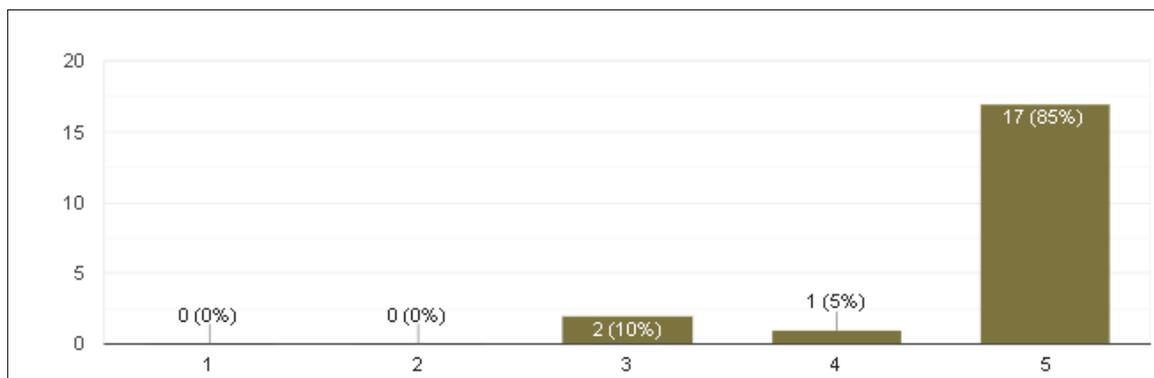


Figura 9 – Gráfico de respostas da questão 4.
Organização: Do autor, 2020.

Estes dados mostraram que os alunos acreditam que as práticas espaciais são importantes no processo educacional, ao ponto de que estas auxiliam a apropriação espacial que, por sua vez, torna o ambiente universitário mais aconchegante, na maioria das vezes, para o aluno (como mostra o gráfico). Nos apropriando das ideias de Cavalcanti (2002), quando esta diz que pode-se comensurar que a estrutura, tanto física, quanto sócio-espacial de um espaço educacional deve obedecer às demandas e anseios de seus atores, ser espaço para o saber, para o viver, para um cotidiano socioconstrutivo e, assim, para o aprender. Só assim pode-se, através do espaço, nutrir a mobilização educacional de algum aluno.

Chegando na questão 5, é possível observar uma inclinação para a análise paliativa das práticas, tentando especificar quais estão sofrendo a ação dessas práticas e assim, de modo direto ou indiretamente, sendo modificados e

reestruturados por estes. É importante sempre lembrar que não se faz correta a ação de separar esses dois elementos (práticas e espaço), como Souza (2010, p. 237) lembra:

[...] qualquer transformação social relevante, independentemente de seu conteúdo ético-político é impensável à revelia do espaço. Assim, sejam processos emancipatórios, sejam processos liberticidas, atrelados a valores conservadores e aos interesses das camadas dirigentes das sociedades capitalistas e de controle contemporâneas (ou ainda de contextos sociais heterônomos em estilo tradicional, fortemente patriarcais etc.), em nenhuma circunstância é razoável pensar as relações sociais sem pensar, junto, o espaço.

Sobre essa ótica, a questão 5 aponta a seguinte questão: quais práticas espaciais são mais recorrentes em sua vida universitária, ou seja, que se relacionam com o espaço da UFPel e/ou Campus ICH 2? Cite três:

Objetiva, essa questão, pautar as práticas espaciais destes alunos, ou seja, suas ações projetadas no espaço, como Lefebvre diz em sua obra *La production de l'espace*, “a prática espacial consiste em uma projeção sobre o terreno de todos os aspectos, elementos e momentos da prática social” (LEFEBVRE, 1981, p. 14). Na ideia do autor, a prática espacial produz de maneira vagarosa o espaço, ao dominá-lo e agindo sobre ele, deste modo, sendo impossível a análise desta sem uma análise do espaço.

Sobre os tipos de práticas mais recorrentes dos alunos de Geografia nos espaços da UFPel, destacam-se:

a) Assistir aulas;

Assistir as aulas, participar de eventos nas dependências do campus 2 e estar presente em um laboratório (LEGA). (Aluno 6).

b) Deslocamento Urbano;

Deslocamento entre campus/laboratório. Junção de colegas em determinados espaços do campus 2 nos intervalos das aulas. Ocupação noturna dos espaços. (Aluno 4).

c) Uso para convivência;

Fazer parte do Centro Acadêmico, participar do meu grupo de pesquisa e descanso junto aos colegas, aonde colocamos alguns assuntos em dia, podendo as vezes se tratar de ideias ou dicas para nossa área acadêmica. (Aluno 20).

d) Refeições;

Refeições com colegas, intervalos e principalmente palestras. (Aluno 5).

e) Participação/ Organização de Eventos.

Apresentação de trabalhos acadêmicos; Participação das reuniões (principalmente do PIBID); Organização de eventos acadêmicos. (Aluno 10).

A partir destas manifestações é possível constatar as principais práticas exercidas pelos alunos de Geografia dentro dos espaços universitários. Deste modo, reforça-se que as pré-análises dessa pesquisa estavam corretas em relação ao tipo de práticas exercidas nos espaços universitários. Tal pergunta clareia e levanta questionamentos sobre a gama de potencialidades que estas têm para se estudar o espaço universitário, visto que umas intimamente imbricadas com a academia (aulas, eventos) e outras nem tanto (deslocamento, urbano, sociabilização).

Toda prática espacial é uma prática social (SOUZA, 2010, p. 240), mas nem toda prática é uma prática espacial. Para que esta abordagem ganhe esse nome ela necessita ser “densa” de espacialidade, ou seja, o espaço precisa ser fator condicionante para que isso ocorra. Nas práticas analisadas, fica claro que se lida com práticas espaciais, como exemplos: assistir a uma aula é uma prática estreitamente condicionada por um espaço educacional; a organização de eventos acadêmicos relaciona-se com a dinâmica da UFPel, locação de salas, distribuição espacial de convidados, entre outros.

Mas, para esses alunos, até que ponto essas práticas são perceptíveis como vetores de apropriação? E essa projeção espacial de suas práticas sociais são observadas de que forma?

A questão número 6 traz para a problematização a subjetividade da amostra para tentar descobrir os fatores condicionantes para essa apropriação espacial, se estas práticas espaciais são, para eles, valorosas o suficiente para promover uma apropriação “virtuosa”.

Assim, a questão 6, e penúltima da pesquisa se apresenta da seguinte forma: Que elementos contribuem de forma positiva e ou negativa, no seu dia a dia, para a apropriação espacial no ambiente universitário?

A palavra “elementos” foi usada para generalizar de uma maneira positiva, para que a abrangência de fatores percebidos pela amostra aparecesse nas respostas. Aqui, na universidade, se destacam estes elementos:

- a) Ações coletivas, de coletividade espacial (boas aulas, sociabilização, estudar com colegas), aparecendo 13 vezes nas respostas de maneira positiva, e 1 vez de maneira negativa;
- b) Localidade, aparecendo 2 vezes como ponto positivo para apropriação, e 6 vezes como ponto negativo;

- c) Infraestrutura espacial também foi citada aparecendo 2 vezes como fator positivo para apropriação, e 3 vezes como fator negativo.

Esses elementos aparecem de diferentes maneiras nos olhares dos atores. No próximo fragmento, vê-se uma perspectiva positiva sobre o fator “localidade”.

A localização dos campi, a estrutura e a distribuição na cidade contribuem de maneira positiva na formação do estudante e do cidadão. (Aluno 2).

No exemplo acima, o espaço, condicionante da prática, ajuda no processo de apropriação, mas pode haver casos totalmente opostos, segue:

Em sua maioria são negativas, pois é muito difícil tu se identificar com o espaço da Geografia, pois não possuímos uma identidade em nenhum campus, o que torna possível esta perspectiva positiva é o intenso trabalho dos professores em dar esta forma ao curso e criando laboratórios para acolher os discentes. (Aluno 3).

Neste caso a disposição dispersa das unidades físicas do curso é um fator negativo para o processo de apropriação espacial. Como se vê, a apropriação é um processo intrínseco a subjetividade e identidade de cada um. Podendo até ser dubiamente analisada:

Positiva, os prédios têm uma ótima infraestrutura em comparação com a minha escola do ensino médio. Negativa, a distância para mim implica bastante na insegurança. (Aluno 6).

Mas só os aspectos físicos do espaço entram nessa abordagem? Não, pode-se perceber elementos advindos das relações sociais nas respostas, estas que por sua vez estão ligadas umbilicalmente ao espaço. Assim, cada vez mais Souza (2010) e Lefebvre (1981) energizam essa discussão, mostrando que o dinamismo das relações sociais afeta na estrutura e apropriação do espaço. A citação do Aluno 3 mostra que a interconexão entre as práticas sociais e o espaço é fator essencial para a apropriação espacial. Já o Aluno 6 mostra a questão da violência social implicando em seu processo de apropriação espacial, reforçando a tese de que não se pode analisar o espaço físico das práticas, sem uma análise social.

No próximo caso temos uma maneira direta de analisar o espaço social da Geografia da UFPel:

Acredito que não possuo apropriação espacial no meu ambiente universitário devido a recorrente hostilidade por parte dos alunos e ideais extremistas dos mesmos. A sensação que sinto dentro do ambiente universitário é que os estudantes procuram outros estudantes para polarizar de forma agressiva. (Aluno 16).

Como dito por Souza (2010), o espaço social estará sempre disposto a uma estruturação ou reestruturação, independente de viés político, inclinações religiosas,

ou vertentes maximizadoras, até quando o ator se sente não apropriado, ele está fazendo parte da estrutura daquele espaço e assim, construindo e modelando as práticas lá inseridas, mesmo que esse processo de apropriação tenha conotações negativas para o interpessoal do mesmo. Outro olhar sobre a projeção das práticas espaciais no espaço se faz aqui:

A principal forma positiva que me coloca como indivíduo que se apropria do ambiente universitário é a confraternização com os colegas, esses realizados em espaços como o RU; espaços de convivência dos campi, ou até mesmo nos laboratórios da Geografia disponibilizados como espaços de apropriação estudantil. Já negativamente acredito que a falta de espaços para se conviver e para horas de estudos, que é uma defasagem da universidade para com os alunos que frequentam o campus II-ICH. (Aluno 20).

Por fim, esta pergunta mostrou como é dinâmico o processo de apropriação, e como este pode se dar de diversos modos em diferentes contextos. Chegando na última questão, a questão 7, tenta-se fazer uma ponte entre essas práticas, que ajudam ou não no processo de apropriação, e a formação acadêmica/educacional:

7- Como estudante de Geografia, você considera que as práticas espaciais exercidas no ambiente da universidade contribuem para sua formação? Se sim, de que forma? Se não, por quê?

Esse questionamento têm o intuito claro de captar o olhar dos alunos sobre a relação das práticas espaciais na universidade, com a sua formação acadêmica. Visto, acredita-se aqui, que as práticas são essenciais para construir os alicerces da jornada acadêmica, quaisquer que sejam estes. Assim, para começo tem-se esse interessante relato captado:

Sim, pois além de toda contribuição técnica, também faz com que nos aproximemos de outras pessoas, que encontremos nosso lugar nestes espaços, sem contar com a formação enquanto seres humanos, já que o contato entre as pessoas traz inúmeros conhecimentos para a nossa vida, não só acadêmica. (Aluno 2).

Ou até mesmo este outro:

Acredito, mas o local não irá definir as minhas notas, porém influenciará na minha vida, pois é onde eu passo a maior parte do tempo da minha semana, então é necessário ter domínio nas espacialidades para saber usar a meu favor. (Aluno 1).

Estes relatos mostram a percepção espacial destes alunos que, talvez, pressupondo estreitamente, tenham um saber espacial avançado ou já fomentado por serem alunos da Geografia. Esta pesquisa não focou na coleta dos semestres dos alunos, pois devido a maneira da coleta de dados (online), viu-se intangível uma captação de grande amostra e por ser de adesão voluntária, não foi possível obter

retorno dos alunos da Geografia que na sua totalidade, somam em torno de 400 matrículas no último semestre de 2020.

Assim, não se tem a clareza do nível de inserção geográfica que cada aluno apresenta perante seus *habitus*. Mas acredita-se que as contribuições dos participantes já mostram um caminho de como as práticas espaciais contribuem ou não para a apropriação espacial no ambiente educacional. Visto que estas apontam a narrativa pessoal do objeto dessa pesquisa, elucidando assim, as maneiras nas quais essas práticas são exercidas pelos alunos.

Então, estes atores que se relacionam, através das práticas, com diversos outros atores (funcionários, professores), dentro desse espaço, estabelecem um constante vínculo com os demais elementos deste espaço, caracterizando um movimento em conjunto para as mutações espaciais:

[...] o espaço enquanto condição, meio e produto revela o movimento da produção/reprodução de toda a sociedade, uma tríade que apreende um movimento contraditório em que nenhum nível ou escala da produção espacial é excluído, ao contrário, realiza-se como justaposição entre esses níveis e no interior de cada um, constituindo-se como totalidade contraditória. Nessa perspectiva, desvenda-se o espaço em sua dupla determinação: enquanto localização de todas as atividades da sociedade em seu conjunto; enquanto processo e movimento, tem seu conteúdo definido e determinado pelo conjunto das relações sociais em seus momentos constitutivos específicos. Nessa direção, o espaço é o lugar da reprodução social de forma indissociável: produto, meio e condição dessa reprodução. (CARLOS, 2007, p. 55).

Na perspectiva de contribuir para uma análise dessas práticas sobre esse espaço apropriado ou não, pode-se trazer para problematização a discussão que Lopes (2000) faz em sua obra “A escola como espaço social, prática pedagógica e processo de trabalho: reflexões”. Nela, apresentam-se interessantes reflexões sobre o espaço social “escola” e, aqui, tenta-se transmutar essas análises, para um contexto universitário, visto que, na universidade, “as formações sociais são regidas por normas e valores próprios explicados pelos agrupamentos que os indivíduos formam e pelas relações que mantêm e cultivam entre si”, assim como na escola.

Desta maneira, ao olhar fulminante da ótica geográfica, finda-se que, as práticas espaciais são sim impactantes no processo de apropriação espacial, pois mostrou-se aqui, como estes conjuntos de ações sociais e práticas espaciais fazem parte de um universo hierárquico e dinâmico, a Universidade Federal de Pelotas. Claro, analisou-se um fragmento desta grande instituição, um fragmento caracterizado por ser espaço do Curso de Geografia da universidade, especificando, os espaços que os alunos da Geografia mais habitam.

Todas essas análises e discussões foram baseadas em olhares geográficos, olhares de alunos regulares do curso de Geografia, estes coletados através de um questionário. É difícil medir o nível hierárquico que cada ator representa no espaço social universitário, mas algumas pressuposições podem ser feitas, como esta estrutura básica de influência espacial, coordenadores – professores – funcionários – alunos. Essa hierarquia espacial se fragmenta e se regula conforme o tempo vai passando, e dentro da história da Geografia da UFPel, essa dinâmica hierárquica já teve diversos “palcos”, como citado na parte introdutória deste trabalho.

O interessante é notar as formas de resiliência espacial que alguns alunos conseguem descrever, mostrando que quando formam grupos de estudos ou participam de laboratórios de pesquisa, se sentem mais confiantes e até mesmo mais dinâmicos dentro da hierarquia espacial. O que de fato é verdade, aqueles que participam inúmeras atividades sociais relacionadas a universidade apresentaram respostas mais positivas em relação a sua apropriação.

Outro fato que merece destaque é a unidade espacial que as aulas da Geografia detêm no ICH II, apesar de alguns laboratórios serem relativamente distantes (cerca de 400m entre ICH I e ICH II). O curso de Geografia se privilegia do fato de concentrar todas cadeiras oferecidas por ele em um só lugar, e esse fato também corrobora para a formação acadêmica dos alunos, como pode-se notar:

Acredito que as práticas ajudam sim na formação, visto que o indivíduo desenvolver essas práticas ajuda a sentir-se pertencente ao mesmo, e isso é de total importância para que o aluno continue no curso e mantenha-se até a sua formação, digo isso por experiência própria onde, anteriormente a ingressar na Geografia, iniciei o curso de Engenharia Agrícola, mas as cadeiras eram cada uma em um campus diferente, fazendo com que não se estabelecesse qualquer sentimento de identificação a nenhum espaço universitário, e assim de alguma forma contribuiu para a minha desistência do mesmo. (Aluno 19).

Dando tons finais a este capítulo, esse espaço social toma forma e característica, apresentando suas lutas, diferenças, anseios e inclinações apresentados pela heterogenia de seus atores sociais. Deste modo, forma-se o espaço social da Geografia da UFPel, como dito pelo Aluno 20, quando perguntado se considera as práticas espaciais importantes para sua formação:

Sim, pois estas práticas estruturam o curso e seu "público", dando características específicas para esse espaço social.

Findando, mas deixando aberta essa discussão, fica o pensamento: as práticas são uma fonte inesgotável e primordial de relações que geram a apropriação espacial, seja essa apropriação negativa ou positiva (na ótica do apropriador). E fatores físicos

do espaço como características arquitetônicas, mobilidade e estrutura são tão importantes quanto os fatores subjetivos das relações sociais, como interação entre alunos e professores, grupos de estudos, participação em eventos e organizações de eventos.

Deste modo, há quem veja os espaços da Geografia da UFPel como repulsantes, o que torna sua apropriação mais dificultosa, mas pela amostra, estes formam uma minoria (20%). Ao mesmo tempo, existem aqueles que enxergam a relação física x social deste espaço como um fator propulsor da apropriação (80%).

A apropriação é algo sinuoso, labiríntico e multifacetado, sendo impossível quantificar os níveis de apropriação de cada um, mas o que se pode dizer é que este processo aconteceu, acontece e seguirá acontecendo, quer queira, quer não, com todos os alunos que frequentam os espaços universitários da Geografia. Assim, esta pesquisa mostra que este espaço social, dialético, hierárquico e contraditório é estruturado e reestruturado através daqueles que fazem parte dele, via de regra, por isso é chamado de espaço social. E como esses atores estruturam e reestruturam? Acredita-se que, através de práticas espaciais, estas que serão sempre sociais, sejam elas projetadas, cotidianas, ou sazonais, são a principal fonte de apropriação espacial dos alunos de Geografia perante os espaços sociais dispostos para eles.

7 Para não concluir, o que essa pesquisa pode oferecer?

Essa pesquisa surge por uma ideia inicial trazida pelo histórico experiencial do autor com o Curso de Geografia, propondo uma discussão sobre as práticas espaciais e sobre apropriação espacial, baseada, inicialmente, num inquietamento vivido no período de graduação. Esse combustível inicial passou para uma maturação teórica e se transformou em hipótese para fomentar essa pesquisa.

Através da análise bibliográfica, essa hipótese se torna uma questão norteadora, e pauta as principais problematizações da pesquisa. Deste modo, tem-se a pergunta: As práticas espaciais no ambiente educacional podem contribuir no processo apropriação espacial do aluno? Como?

Para responder essa questão, relembra-se os objetivos traçados na pesquisa, que criaram os caminhos do texto, sendo estes, em termos gerais, analisar a contribuição das práticas espaciais para a apropriação espacial dos alunos de Geografia (Licenciatura e Bacharelado de 2020) perante os espaços universitários. Como objetivos específicos têm-se os seguintes: a) identificar quais as práticas espaciais são recorrentes no dia a dia dos alunos de geografia, no ambiente universitário; b) problematizar e discutir quais práticas espaciais recorrentes no campus da Universidade Federal de Pelotas; c) avaliar quais os elementos ou fatores que contribuem ou não para a apropriação espacial dos alunos de Geografia no ambiente universitário; d) averiguar as práticas e a apropriação espacial, bem como, sua contribuição na formação dos alunos de Geografia.

Para chegar nesses objetivos, usou-se uma metodologia que se diversificou entre uma análise bibliográfica e uma discussão sobre um estudo de caso, caracterizando-se por uma abordagem qualitativa (apesar de alguns dados quantitativos coletados na amostra). Deste modo, essa metodologia mostrou-se positiva ao apontar que os resultados narrativos da amostra coletada pelo questionário online, foram enriquecedores e fomentadores de discussões póstumas, alguns até contraditórios, alcançando contrapontos importantes em cima da hipótese levantada pela pesquisa.

O método de coleta de dados se ajustou, bruscamente, devido a pandemia do Coronavírus. Primeiramente a coleta de dados seria presencial, através de um questionário físico, e seria aplicado no Campus ICH II para todos os alunos presentes nos dias da coleta. Devido a suspensão das aulas, a pesquisa moldou-se. Assim, pensou-se num método voluntário e democrático de coleta de dados através da plataforma Facebook, utilizando da aplicação de um questionário por formulário do Google Forms. Essa escolha resultou numa amostra pequena, mas muito enriquecedora, visto que os que responderam o questionário tinham a vontade de discutir sobre práticas espaciais e apropriação espacial, gerando uma gama rica de respostas.

Deveras, pensa-se aqui que, através da metodologia escolhida, conseguiu-se chegar a todos os objetivos traçados, obviamente que os modos pelos quais se chegou a esses objetivos foram diversificados e surpreendentes. Isso pelo fato dos imprevistos nas coletas de dados, e até pelos tipos de amostras coletadas, que surpreenderam e deram diferentes tonalidades para as análises.

Desta maneira, analisou-se metodicamente a contribuição das práticas espaciais para apropriação dos alunos, chegando à conclusão de que estas são elementos chave para o processo de apropriação dos alunos de Geografia. Ficou evidente também que as apropriações se distinguem, mudam de ator para ator, assim como suas formas de apropriação. Alguns se apropriam por meio das rodas de conversa, outros pelos grupos de estudo, alguns apenas pelas ações sociais em sala, enfim, foram diversos os modos de apropriação citados.

A pesquisa mostrou também que aqueles alunos que tem um maior convívio com o espaço universitário, ou seja, participam de mais práticas espaciais (fora do horário das aulas), como laboratórios de pesquisa e grupos de estudos, tem uma apropriação mais contundente, rápida e diversificada, apresentando, em suas respostas, mais tipos de práticas espaciais do que os demais.

Viu-se que as práticas espaciais mais comuns entre os alunos da Geografia são práticas cotidianas, como assistir aulas, estudar, socializar, alimentar-se. Tendo como palcos principais os espaços do ICH II, RU e ICH I. Este fato revela que os estudantes têm, dentro de seu *habitus* cotidiano, a potencialidade de apropriar-se de espaços nos quais têm convívio mais contínuo.

Apontou-se, também, que vários fatores podem contribuir ou não para a apropriação espacial, como localização, estrutura espacial, tipo de sociabilização,

inserção em grupos sociais ou de estudos. Visto isso, tem-se uma dualidade dos principais fatores físicos (espaciais) e subjetivos (sociais), revelando que as realidades sociais e físicas estão interligadas e influenciam umas às outras, e juntas formam a complexidade das práticas espaciais, visto que todas essas são práticas sócio-espaciais. Esses fatores influenciadores revelarem-se, por vezes, potencializadores, como nos exemplos relacionados aos projetos de estudos, e até a “cordialidade” de certos atores do espaço, como os professores. Mas também podem ser repulsantes, como no exemplo que relacionou a distribuição dos campi da Geografia, como um elemento que dificultava as práticas espaciais devido à violência social da região.

Em relação ao processo de aprendizagem, através de uma questão ampla⁶, a pesquisa identificou que toda amostra confirma a ideia de que as práticas espaciais são impactantes para o processo de aprendizagem. Os alunos, quando abertos para expor seus discursos, mostraram que, de diferentes maneiras, enxergam as práticas espaciais como parte de sua formação geográfica. Relatam que, ao analisar suas práticas e discutir apropriação espacial, fomentam a identidade espacial do aluno e corroboram tanto para sua formação cidadã, como para um futuro profissional na Geografia, ciência esta que tem a missão de problematizar e analisar o espaço geográfico.

Por fim, como resultado primário, tem-se a ideia de que todos os alunos, em seus diferentes tempos, se apropriam dos espaços universitários através de diferentes tipos de práticas espaciais. Lucidou-se que são fatores espaciais e sociais que dão o alicerce para o tipo de prática, e assim para o tipo de apropriação espacial. Deste modo, sabe-se que a apropriação espacial universitária é complexa e calcada nas interpessoalidades de cada um, mas ao mesmo tempo impulsionada por nichos sociais, pelo ambiente social e pela disposição física do curso.

Esses fatos mostram a heteronomia espacial dos alunos da Geografia que, apesar de terem poucos pontos discordantes sobre as práticas, concordam em plenitude que essas são fundamentais para o processo de apropriação espacial e para a formação profissional, visto que serão profissionais que terão o “espaço” como foco de suas discussões. É importante destacar ainda que, um grupo educacional apropriado de seu ambiente apresenta uma maior identidade com seu espaço,

⁶ 7) Como estudante de geografia, você considera que as práticas espaciais exercidas no ambiente da universidade contribuem para sua formação?
Se sim, de que forma? Se não, porquê?

podendo projetar, por que não, até um melhor desempenho em sua jornada acadêmica, visto que atores em espaços apropriados têm facilidade em mobilizar com mais veemência suas ações.

Para não finalizar, pensa-se que esta pesquisa atinge sua meta quando contribui para a abertura de um debate recente sobre as práticas espaciais e apropriação no espaço universitário. Deste modo, de uma maneira precisa, mas não simplista, essa pesquisa auxilia a própria Geografia como curso e ciência, mostrando a possibilidade de usar o espaço universitário para se “fazer” ciência geográfica.

Referências

ARROIO Grande. **Um grande destino** – Turismo no Rio Grande do Sul, 2020. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/cidade/394/arroio-grande#sobre>. Acesso em: 20 mar. 2019.

BOURDIEU, P. Espaço social e espaço simbólico. In: BOURDIEU, P. **Razões e práticas**: sobre a teoria da ação. 11. ed. Campinas-SP: Papyrus, 2011. 224 p. pp. 13-33.

BOURDIEU, P. Espaço físico, espaço social e espaço físico apropriado. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 27, n. 79, p. 134-144, 2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ea/v27n79/v27n79a10.pdf>. Acesso em: 06 abr. 2020.

CASTROGIOVANNI, A. C. et al. (Org.). **Geografia em sala de aula, práticas e reflexões**. Porto Alegre: AGB, 1998. 200 p.

CARLOS. A. F. A. Diferenciação socioespacial. **Cidades**, v. 4, n. 6, p. 45-60, 2007. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/revistacidades/article/view/569/600>. Acesso em: 15 maio 2020.

CALLAI, H. C.; MORAES, M. M. Educar para a formação cidadã na escola. In: **Coloquio Internacional de Geocrítica**: El control del espacio y los espacios de control, n. 13, 2014, Barcelona, Espanha. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/coloquio2014/Helena%20Copetti%20Callai.pdf>. Acesso em: 05 mar. 2020.

CASTELLAR, S. M. V. Educação geográfica: a psicogenética e o conhecimento escolar. **Caderno CEDES**, Campinas-SP, v. 25, n. 66, p. 209-225, 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ccedes/v25n66/a05v2566.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2020.

CAVALCANTI, L. S. Ensinar geografia para a autonomia do pensamento: o desafio de superar dualismos pelo pensamento teórico crítico. **Revista da ANPEGE**, v. 7, n. 1, p. 193-203, 2011. Disponível em: <http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege/article/view/6563/3563>. Acesso em: 20 jul. 2020.

CAVALCANTI, L. S. **Geografia e práticas de ensino**. Goiânia: Alternativa, 2002.

CAVALCANTI, L. S. O trabalho do Professor de Geografia e tensões entre demandas da formação e do cotidiano escolar. In: ASCENÇÃO, V. O. R. et al. (Org.). **Conhecimentos da Geografia**: percursos de formação docente e práticas na educação básica. 1. ed. Belo Horizonte: IGC, 2017. 287 p. pp.100-123.

CICCONET, N. **Espaços universitários frequentados pelos alunos da Geografia da UFPel**. Mapa. Pelotas-RS, 2020.

CRESWELL, J. W. **Qualitative inquiry and research design: Choosing among five approaches**. Thousand Oaks, CA, 2007.

CRUZ, F. **Espaço**: apropriação e representação. Instituto de Sociologia/ Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2011. Disponível em: <https://pnum.fe.up.pt/pt-pt/assets/pdf/conferences/cruz-f-2011.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2020.

CURSOS. Pró-Reitoria de Ensino, 2020. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/pre/cursos/>. Acesso em: 15 jun. 2020.

HARVEY, D. **O neoliberalismo**: história e implicações. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2008. 256 p.

HARVEY, D. **Social Justice and the City**. University of Georgia Press, 1973. 356 p.

LACOSTE, Y. **A Geografia** – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra. Campinas-SP: Papirus, 2006.

LEFEBVRE, H. **The Production of Space**. Trad. D. Nicholson-Smith. Oxford: Basil Blackwell, 1991.

LEFEBVRE, H. **Presencia y ausencia**. México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

LOBODA, C. R. Espaço público e práticas sócio-espaciais: uma articulação necessária para análise dos diferentes usos da cidade. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente-SP, v. 1, n. 31, p. 32-54, 2009. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/7439>. Acesso em 13 dez. 2019.

LOPES, J. R. A escola como espaço social, prática pedagógica e processo de trabalho: reflexões. **Pro-Posições**, Campinas-SP, v. 1, n. 5 (32), p. 61-68, 2000. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8644043/11487>. Acesso em: 10 out. 2019.

MARIZ, R. Capes anuncia que não concederá mais bolsas de pós neste ano e corta 56 mil incentivos. **O Globo**, Rio de Janeiro, 02 set. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/capes-anuncia-que-nao-concedera-mais-bolsas-de-pos-neste-ano-corta-56-mil-incentivos-23922060>. Acesso em: 10 dez. 2020.

MATTOS, C. G. L.; CASTRO, P. A. **Etnografia e Educação**: conceitos e usos. Campina Grande-PB: EDUEPB, 2011. 298 p. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/8fcfr/pdf/mattos-9788578791902-03.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2018.

MAZZOTI, A. J. A. Usos e abusos dos estudos de caso. **Cadernos de pesquisa**, v. 36, n. 129, p. 637-651, 2006. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/cp/v36n129/a0736129.pdf>. Acesso em 05 maio 2019.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

MOREIRA, R. Uma ciência das práticas e saberes espaciais. **Rev. Tamoios**, São Gonçalo-RJ, v. 13, n. 2, p. 26-43, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/30458/22582>. Acesso em: 23 jun. 2019.

SANTOS, M. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SANTOS, M. **O espaço do cidadão**. 4 ed. São Paulo: Nobel, 1998.

SANTOS, M. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SCHMID, C. A teoria da produção do espaço de Henri Lefebvre: em direção a uma dialética tridimensional. **GEOSP – espaço e tempo**, São Paulo, n. 32, p. 89- 109, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/geosp/article/view/74284/77927>. Acesso em: 15 jun. 2019.

SOUZA, M. L. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2016.

SOUZA, M. L. Which right to which city? In defense of political-strategic clarity. **Interface**, v. 2, n. 1, p. 315-33, 2010. Disponível em:

<https://www.rojasdatabank.info/desouza2010.pdf>. Acesso em: 20 maio 2019.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621/149092>. Acesso em 13 dez. 2019.

SUERTEGARAY, D. M. A. Espaço geográfico uno e múltiplo. **Scripta Nova: Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**, Universidad de Barcelona, n. 93.

Barcelona, Espanha, 2001. Disponível em: <http://www.ub.edu/geocrit/sn-93.htm>.

Acesso em: 5 jan. 2018.

TOMAZ, M. Alimentação orgânica proveniente da agricultura familiar no Restaurante Escola da UFPel. **UFPel: Em pauta**, 2018. Disponível em:

<https://wp.ufpel.edu.br/empauta/alimentacao-organica-proveniente-da-agricultura-familiar-no-restaurante-escola-da-ufpel/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

UFPEL. Instituto de Ciências Humanas, Colegiado dos Cursos de Geografia. **Projeto Pedagógico do Curso de Licenciatura em Geografia**, Pelotas, 2018. 202 p.

Disponível em:

https://wp.ufpel.edu.br/geografia/files/2020/02/PPC_Lic_NDE_geografia_final_26_11_v9.pdf. Acesso em: 15 jan. 2020.

YIN, R. K. **Estudo de Caso**: Planejamento e métodos. 4. ed. Porto Alegre: Bookman, 2010. 248 p.

Apêndices

Apêndice A – Questionário aplicado na pesquisa



Questionário

GEOGRAFIA LICENCIATURA UFPEL 2020

GEOGRAFIA BACHARELADO UFPEL 2020

Práticas espaciais são os movimentos realizados no espaço, são ações, intervenções, vivências carregadas de sentido que se projetam e mudam o ambiente de cada indivíduo, exemplos: assistir a uma aula, fazer uma intervenção urbana, participar/organizar um evento acadêmico, colocar propagandas nos corredores da universidade, são diversos os exemplos de práticas espaciais, estas que, dependendo da escala de ação, podem exercer grande ou pouca influência na produção do espaço geográfico.

Correa (2003) define práticas espaciais como “um conjunto de ações espacialmente localizadas que impactam diretamente sobre o espaço, alterando-o no todo ou em parte, ou preservando-o em suas formas e interações”.

Apropriação espacial é um conceito relacionado ao pertencimento espacial de cada indivíduo, é quando este se vê presente e relevante dentro de um espaço, quando um ator se sente parte de um ambiente. Cruz (2011) diz que a apropriação do espaço permite aos seus atores organizá-lo, quer ao nível estratégico, quer ao da intervenção social. No estabelecimento de uma relação entre o espaço e as características dos indivíduos.

1) Você frequenta os espaços da universidade quantas vezes por semana?

- () 1 vez por semana
- () 2 vezes por semana
- () 3 vezes por semana
- () 4 vezes por semana
- () 5 vezes por semana

- 2) Quais espaços da UFPel você mais frequenta e por quê? Exemplos: a) Campus 2 do ICH; b) Campus 1 do ICH; c) Restaurante Universitário; d) Biblioteca; e) Anglo/Reitoria; f) outro.

- 3) Você acredita que as práticas espaciais são impactantes no processo de apropriação espacial e que contribuem para pensar as dinâmicas da universidade? Justifique:

- 4) Qual a importância educacional das práticas espaciais dentro e fora do campus ICH 2 da UFPel (Eventos, atividades extraclasse, seminários, grupos de estudo, intervenções espaciais, momentos culturais), para a apropriação espacial?

De 1 a 5 - 1 pouco importante – 5 muito importante.

- 5) Quais práticas espaciais são mais recorrentes em sua vida universitária, ou seja, que se relacionam com o espaço da UFPel e/ou Campus ICH 2? Cite três:

- 6) Que elementos contribuem de forma positiva e ou negativa, no seu dia a dia, para a apropriação espacial no ambiente universitário?

- 7) Como estudante de geografia, você considera que as práticas espaciais exercidas no ambiente da universidade contribuem para sua formação? Se sim, de que forma? Se não, porquê?
